

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI  
CAMPUS: ALEXANDRE ALVES DE OLIVEIRA  
CURSO: LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

JOSÉ CARLOS MONTEIRO LOPES

**LUGARES SOBREPOSTOS NA MEMÓRIA DE CAMOCIM-CE: de Cemitério a  
Rodoviária.**

PARNAÍBA-PI

2017

JOSÉ CARLOS MONTEIRO LOPES

**LUGARES SOBREPOSTOS NA MEMÓRIA DE CAMOCIM-CE: de Cemitério a  
Rodoviária**

Monografia apresentada ao Curso de História da Universidade Estadual do Piauí Campus Alexandre Alves de Oliveira – Parnaíba-PI, como requisito para a obtenção do título em licenciatura plena em História, sob a orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Mary Angélica Costa Tourinho.

PARNAÍBA-PI

2017

L864l      Lopes, José Carlos Monteiro  
             Lugares sobrepostos na memória de Camocim – CE: de  
             cemitério a rodoviária / José Carlos Monteiro Lopes. – 2017.  
             84 f. : il.

             Monografia (graduação) – Universidade Estadual do  
             Piauí – UESPI, Licenciatura Plena em História, 2017.  
             “Orientadora Prof<sup>ª</sup>. Dra. Mary Angélica C. Tourinho.”

             1. História.    2. Camocim.    3. Cemitério.    4. Rodoviária.  
             5. Memória.    I. Título.

CDD: 981.22

**LUGARES SOBREPOSTOS NA MEMÓRIA DE CAMOCIM-CE: de Cemitério a  
Rodoviária**

JOSÉ CARLOS MONTEIRO LOPES

Monografia apresentada ao Curso de História da Universidade Estadual do Piauí-Campus Alexandre Alves de Oliveira – Parnaíba-PI, como requisito para a obtenção do título em licenciatura plena em História, sob a orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Mary Angélica Costa Tourinho.

Data da Defesa \_\_\_\_\_

Nota da Defesa \_\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

\_\_\_\_\_  
Professora Orientadora

\_\_\_\_\_  
Membro da Banca

\_\_\_\_\_  
Membro da Banca

Dedico este trabalho, *in memoriam*, a memória de todos os mortos que foram sepultados no Cemitério Velho de Camocim e não tiveram seus ossos trasladados para uma nova sepultura, mas ainda jazem sob a Rodoviária e a Praça da Saudade. Principalmente aos que desceram à sepultura na esperança da ressurreição em Cristo, pois Ele disse: “Eu Sou a Ressurreição e a Vida. Quem crê em mim, ainda que morra, viverá” (João 11:25).

## AGRADECIMENTOS

Entendendo que a ingratidão é uma das características negativas do ser humano e que a gratidão é uma salutar e nobre virtude que faz muito bem ao que dar e ao que recebe, aqui, registro os meus agradecimentos a todos (as) que de forma direta ou indiretamente contribuíram para minha formação acadêmica e me ajudaram durante a longa e cansativa jornada impetrada.

Começo os meus agradecimentos pelos professores (as) que foram responsáveis pela minha graduação no processo de formação acadêmica: Ana Catarina, André Aguiar, André Soares, Antônio Rogério, Christian Clay, Clóudson Silva, Dalva Araújo, Edson Holanda, Erasmo Carlos, Fabiane Batista, Francisco Nascimento, Hélcio Mesquita, Inegla Cardoso, Ivanilda Sá, Jaqueline Feitosa, João Carlos, Jonas Oliveira, Kennedy Franco, Leandro Castro, Lucivaldo Quixaba, Manuel Domingos, Mary Angélica (minha dedicada orientadora), Sorainy Mangueira e Yuri Nóbrega. Em minha memória lembro não só os ensinamentos dos conteúdos das disciplinas ministradas por vocês, mas do respeito que tiveram por minha pessoa, por minha fé e crença. Em seguida, aos professores que convivi no período dos estágios de observação e os supervisionados: Professora Irlanda (Liceu Parnaibano), professores (as) Nayana Moreira, Marylene Santos, Dinalva Macário, Antônio Carlos, Neto e Damião (Escola Alba Maria – Camocim-CE), Jane Élide e Nayara Moreira (Colégio CEPI – Camocim-CE).

Agradeço também aos meus colegas e amigos de turma: Alexandra, Dayson, Edgleison, Felipe, Genivaldo, Jarder, Lara, Matheus e Pedro, pois os mesmos, em meio às nossas diversidades, foram respeitosos e ajudadores; aos vários amigos (as) conquistados na faculdade no decorrer do curso; aos colegas e amigos (as) de todas as cansativas viagens à Parnaíba-PI, de início em uma precária van e depois, em um desconfortável ônibus, que muitas vezes deu pane nas viagens de ida ou de volta. Porém, não posso esquecer aqueles amigos que por vezes tiveram que me acolher em seus lares, cito: Roberto Meneses, Edison Araújo e família, Pr. Marcelo e sua esposa Andreia e os pais do meu amigo Dayson Terto.

Com muita estima meus votos de gratidão à minha família, entre os quais destaco a minha mãe Maria Terezinha Rocha Monteiro, meus irmãos (as) Márcia, Mercês, Marcos, Paula, Francisco, Paulo e Tereza e em memória ao meu pai Edmundo Aragão Lopes; e bem como minha família da fé na pessoa dos meus irmãos e irmãs em Cristo.

Estendo meus agradecimentos a Anita de Oliveira, Edilson Coelho, Francisco Sobrinho (Neném Lúcio), Inácio Santos, Aroldo Viana e Dona Vera Trévia, pois me receberam com alegria em suas residências e contribuíram voluntariamente, através de depoimentos gravados, com suas memórias acerca da demolição do “Cemitério Velho” e da construção da Rodoviária e da “Praça da Saudade”.

Agradeço também aos meus superiores hierárquicos Comando e Sub-Comando e fiscais de equipes e colegas Agentes de Trânsito e Guardas Civas Municipais que estenderam a mão quando necessário manter uma escala de serviço diferenciada para adequar-se as minhas viagens para a UESPI. Ao GM Elialdo pelo empréstimo do livro *Camocim Centenário 1879-1979* de Tobis de Melo Monteiro.

Especialmente e amorosamente agradeço a minha esposa Rejane Oliveira de Sousa Lopes (companheira e amada da minha alma), aos meus filhos Tiago Sousa Lopes e Timóteo Sousa Lopes, respectivamente primogênito e caçulo, grandes incentivadores e apoiadores desta árdua jornada, a minha nora Janielle da Silva Macário Lopes (filha do coração).

Entretanto, acima de tudo e de todos (as) minha mais elevada gratidão é para Aquele que nos deu a bendita capacidade de lembrar e de esquecer. E que os céus proclamam Sua glória e o firmamento anuncia as obras de Suas mãos, pois é Ele a razão do meu existir e de todas às vitórias alcançadas até aqui, inclusive mais esta conquista no jornadear dos meus dias de vida por este mundo tão complexo entre a vida e a morte, mas é nEle que deposito toda minha fé e esperança em um novo tempo onde o amor e a paz se abraçarão para sempre e a morte já não mais existirá. Ao meu Altíssimo Deus e Pai, o meu muito obrigado, bem como a todos os citados nominalmente ou não.

Espero não ter sido traído por minha memória e ter esquecido alguém nesses agradecimentos.

Porque os vivos sabem que hão de morrer, mas os mortos não sabem coisa nenhuma, nem tampouco terão recompensa, porque a sua memória jaz no esquecimento. (*Eclesiastes 9:5*).



## RESUMO

Este trabalho analisa o processo de transformação do Cemitério São Francisco - que era conhecido como Cemitério Velho, na cidade de Camocim-Ceará - em uma Praça e um Terminal Rodoviário, que foram inaugurados no ano de 1979, por ocasião das comemorações de seu primeiro centenário, bem como a memória que reina sobre esses acontecimentos. Pelos depoimentos colhidos foi possível evidenciar que esta transformação afetou memórias de pessoas da época, que apesar do simbolismo envolto da morte, da pessoa morta e do cemitério como local de sepultamento, houve uma aceitação no deslocamento do espaço simbólico de última viagem para um novo espaço de inúmeras viagens de pessoas que partem e chegam na cidade diariamente. Pelo ângulo da memória e da oralidade, percebemos que a demolição do Cemitério ocorreu de forma pacífica, por parte da sociedade que presenciou esse deslocamento de espaço, e que o foco de resistência pela permanência do cemitério foi algo sem muita expressividade. Mas, a Praça da Saudade e o Terminal Rodoviário não foram o fim do antigo cemitério, pois o mesmo permanece sob as edificações construídas sobre seu espaço. Para o enriquecimento desta obra trabalhamos com autores como Maurice Halbwachs, no conceito de memória; João José Reis, no conceito da morte como festa; bem com outros autores, inclusive locais como Tobis de Melo Monteiro com sua obra *Camocim Centenário – 1879-1979*.

**Palavras-Chave:** História. Camocim. Cemitério. Rodoviária. Memória.

## ABSTRACT

This work analyzes the process of transformation of the São Francisco Cemetery, which was known as Cemitério Velho, in the city of Camocim-Ceará, in a Square and a Bus Terminal, which were inaugurated in 1979, on the occasion of the commemorations of its first centenary, as well as the memory that reigns over these events. From the testimonies collected it was possible to show that this transformation affected memories of people of the time, that despite the symbolism involved in death, the dead person and the cemetery as a place of burial, there was an acceptance in the displacement of the symbolic space of last trip to a new space of countless trips of people who depart and arrive in the city daily. From the angle of memory and orality, we noticed that the demolition of the Cemetery took place in a peaceful way, on the part of the society that witnessed this displacement of space, and that the focus of resistance for the permanence of the cemetery was something without much expressiveness. But Praça da Saudade and the Bus Terminal were not the end of the old cemetery, as it remains under the buildings built on its space. For the enrichment of this work we work with authors like Maurice Halbwachs, in the concept of memory; João José Reis, in the concept of death as a party; Along with other authors, including places like Tobis de Melo Monteiro with his work *Camocim Centenário - 1879-1979*.

**Key words:** History. Camocim. Cemetery. Bus Station. Memory.

## SUMÁRIO

1 – INTRODUÇÃO .....	11
2 – CAPÍTULO 1	
UM PIRILAMPO SOBRE A PRAIANA CIDADE DE CAMOCIM-CE .....	16
1.1 – Focos da cidade no século XX e nas comemorações de seu centenário .....	23
3 – CAPÍTULO 2	
CAMOCIM “POTE DE ENTERRAR DEFUNTO” .....	32
2.1 – A morte como um sono .....	34
2.2 – O morto em seu estado físico .....	36
2.3 – Cemitério: dormitório dos mortos .....	38
4 – CAPÍTULO 3	
O FIM DE UM SÍMBOLO DE MEMÓRIA NO FESTEJO DO CENTENÁRIO DE CAMOCIM .....	43
3.1 – Memória sobre o estado de conservação do cemitério velho antes de sua demolição .....	45
3.2 – A morte do cemitério velho e a reação do povo .....	52
3.3 – Praça e rodoviária: túmulo do falecido cemitério velho .....	57
5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	67
6 – REFERÊNCIAS .....	70
7 – ANEXOS .....	76

## INTRODUÇÃO

Na compreensão de que as coisas não acontecem por acaso e presumindo que existem intencionalidades diversas por trás dos discursos, quer sejam de caráter históricos ou não, temos consciência das intencionalidades presentes no trabalho *Lugares sobrepostos na memória de Camocim-CE: de cemitério a rodoviária*.

A intencionalidade da pesquisa para a construção deste trabalho acadêmico surgiu quando nas viagens de descolamento, deste estudante, de Camocim-CE para o Campus da UESPI em Parnaíba-PI, muitas vezes observava que no percurso entre as duas cidades citadas há um número significativo de cemitérios nas zonas rurais e urbanas. Assim sendo, e pensando em um objeto de estudo para uma monografia, veio, primeiramente, em minha mente, realizar uma pesquisa sobre a morte e o estado do homem na morte. Mas com o passar do tempo e com as ideias amadurecendo veio em minha memória que a Rodoviária de Camocim antes era um cemitério. Não me lembro deste episódio - pois quando aconteceu a demolição do cemitério e posteriormente a inauguração da Rodoviária e de outras obras na cidade em 1979, este autor não passava de uma criança que chegava para morar em Camocim naqueles idos – mas convivi com referências de outras memórias sobre a questão, o que me despertou a curiosidade. E como observa Pierre Nora (NORA,1993, p. 109):

A curiosidade pelos lugares onde a memória se cristaliza e se refugia está ligada a este momento particular da nossa história. Momentos de articulação onde a consciência da ruptura com o passado se confunde com o sentimento de uma memória esfacelada, mas onde o esfacelamento desperta ainda memória suficiente para que se possa colocar o problema de sua encarnação.

Foi dessa forma que o Cemitério Velho, e a memória que se manteve do mesmo, e dos acontecimentos que envolveram as transformações no espaço que ele ocupava, se tornou o objeto principal deste trabalho. Porém, abrindo de certa forma espaço para abordagens sobre morte, morto e cemitério.

*Lugares sobrepostos na memória de Camocim-CE: de Cemitério a Rodoviária* é mais do que um trabalho de término de curso superior. É o abrir de uma nova página na história de Camocim. É também uma forma de garantir a preservação de parte da memória da cidade com focos direcionados para a demolição de um antigo cemitério municipal e para a construção de uma Praça e uma Rodoviária. Dessa forma, saindo dos trilhos e das ondas da historiografia local

“que quando trata do município, geralmente elege como principal marco histórico o porto de Camocim e a Estrada de Ferro de Sobral” (SANTOS, NASCIMENTO E PEREIRA, 2013, p.86). Este trabalho apresenta Camocim com memórias que precisam ser exumadas para enriquecer ainda mais sua historiografia.

Contudo, para que o trabalho fosse desenvolvido e ganhasse respaldo teórico foi necessário entender sobre memória dentro de uma conceituação coletiva que valorizasse o cotidiano também na forma subjetiva de uma sociedade formada por aqueles que muitas das vezes não saem do anonimato. De acordo com a necessidade conceitual deste trabalho nos apropriamos de Maurice Halbwachs (1990) com sua obra póstuma, publicada em 1950, *A memória coletiva*. Todavia, apesar de Halbwachs (1990) ter uma preocupação com a memória coletiva, ele não se esquece do valor da memória individual, pois “diríamos voluntariamente que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva” (HALBWACHS, 1990, p.51). Ainda observa:

Nomes próprios, datas, fórmulas que resumem uma longa sequência de detalhes, algumas vezes uma anedota ou uma citação: é o epitáfio dos acontecimentos de outrora, tão curto, geral e pobre de sentido como a maioria das inscrições que lemos sobre os túmulos. É que a história, com efeito, assemelha-se a um cemitério onde o espaço é medido e onde é preciso, a cada instante, achar lugar para novas sepulturas. (HALBWACHS, 1990, p. 55).

Dentro do contexto da citação anterior não ficou nenhuma dúvida de que é viável e convém a este trabalho o conceito de memória esboçado no livro *A memória coletiva* porque Halbwachs (1990) ensina a destacar a memória dos habitantes como uma memória social.

No primeiro capítulo – *Um pirilampo sobre a praiana cidade de Camocim-CE* é apresentado uma contextualização histórica da cidade, que fica localizada no litoral oeste do Estado do Ceará, sendo uma das cidades brasileiras que na segunda metade do século XX, mais precisamente na década de 1970, passou por um processo de redefinição de espaços. No caso específico, a redefinição deu-se através da transformação que o poder governamental realizou em um cemitério municipal, que tinha o nome de São Francisco e era conhecido como Cemitério Velho, localizado praticamente no coração da cidade. O certo é que, os moradores mais antigos de Camocim abrigam na memória o fato que o Cemitério Velho, como eles gostavam de chamá-lo, foi demolido pela administração da época, para em seu lugar ser construída uma Praça e um

Terminal Rodoviário para contemplar a cidade com desenvolvimento em sua infraestrutura urbana.

Todavia, entende-se que, num processo de transformação de espaços dentro de uma urbe, tende de afetar os sujeitos pertencentes aquele território, pois as cidades são povoadas por pessoas e grupos de pessoas que ao longo de suas vivências desenvolvem sensibilidades e memórias que necessitam ser consideradas, em todas as decisões que seus governantes venham a tomar, mesmo que seja em nome do “progresso”. Dessa forma, não há como realizar uma modificação de um determinado espaço dentro da cidade, que não provoque um abalo nas estruturas sociais e emocionais de seus moradores.

Para a construção deste primeiro capítulo foi necessário usar obras de autores locais, ficando o destaque para o livro *Camocim Centenário 1879-1979* de autoria do camocinense, já falecido, Tobis de Melo Monteiro, publicado em 1984 pela Imprensa Oficial do Estado do Ceará. Pois dentro desse capítulo foi de grande importância visualizar a cidade durante seus festejos no ano de seu centenário, que teve a Rodoviária e a Praça Sinhá Trévia inauguradas nos festejos dos cem anos de emancipação do município.

Falando um pouco sobre o *Camocim Centenário 1879-1979*, é obra que foi lançada cinco anos depois do ano do centenário da cidade com o olhar de um jornalista, pois na apresentação do livro o autor deixa registrado a sua passagem como redator-chefe do jornal “A Razão” num período de três anos, e filho da terra que se preocupa em mostrar o “progresso” da cidade como um apaixonado por Camocim. No livro o *Camocim Centenário 1879-1979* “não contém nenhuma crítica a quem quer que seja”. (MONTEIRO, 1984, p. 7). Portanto, não é uma obra que se apresente com uma problematização específica sobre Camocim, é apenas, apesar de sua postura positivista, uma obra comemorativa aos ganhos da cidade. É um livro de fácil leitura, mas com uma seriedade nas pesquisas realizadas pelo autor. Daí hoje, *Camocim Centenário 1879-1979* ser uma fonte histórica para aqueles que desejam pesquisar sobre a cidade e suas memórias nos festejos do seu centenário.

*Camocim “pote de enterrar defunto”* é o título do segundo capítulo que foi baseado no clássico *Iracema* do cearense José de Alencar que diz: “Camucim – Vaso onde encerravam os indígenas os corpos dos mortos e lhes servia de túmulo...” (ALENCAR, 2009, p. 30). Camucim com seu significado tem sido aceito como sendo a origem indígena do nome da praiana cidade de Camocim-CE.

Assim, como o nome da cidade remete a urna funerária foi possível neste capítulo realizar uma significativa abordagem sobre a *morte como sono*, levando em consideração que há entre as religiões opiniões diferentes e conflitantes sobre a temática morte. E sem um aprofundamento da hermenêutica aceita por diversos grupos religiosos, o conceito expresso aqui é o judaico-cristão do Antigo e Novo Testamentos da Bíblia onde apresenta a morte como um estado de inconsciência nas seguintes palavras:

Porque os vivos sabem que hão de morrer, mas os mortos não sabem coisa nenhuma, nem tampouco terão eles recompensa, porque a sua memória jaz no esquecimento. Amor, ódio e inveja para eles já pereceram; para sempre não têm eles parte em coisa alguma do que se faz debaixo do sol. (BÍBLIA DE ESTUDO ALMEIDA, 1999, p. 712)

Entretanto, o conceito de morte, mais utilizado em todo o trabalho, se apoia no historiador brasileiro João José Reis com sua obra *A morte é uma festa*, pois ele consegue de forma acurada no objeto central de seu livro, a cemiterada, que descreve uma Revolta Popular ocorrida na cidade de Salvador no dia 25 outubro de 1836, onde uma multidão pôs abaixo o cemitério do Campo Santo que havia sido inaugurado três dias antes, mostrar pelas disputas das irmandades pelos mortos, pelo local de sepulturas e pelos ritos e cerimônias fúnebres do Brasil do século XIX que até a morte pode ser motivo de festa.

Assim, a abordagem neste capítulo faz a conexão com morto e cemitério onde se aborda a pessoa morta em seu estado físico e o cemitério com o significado de dormitório. Nesta altura do trabalho foi utilizada a obra do arquiteto Renato Cymbalista “*Cidade dos Vivos*” em harmonia com *A morte é uma festa* para compreender um pouco mais sobre os cemitérios e sua consolidação “no final do século XIX como local por excelência reservado às relações entre os vivos e os mortos na cidade” (CYMBALISTA, 2002, p.18).

No terceiro e último capítulo deste trabalho procuramos apresentar *O fim de um símbolo de memória no festejo do centenário de Camocim* pela utilização de entrevistas com pessoas que vivenciaram essa transformação na cidade e que guardam em suas memórias algo relacionado ao Cemitério Velho ou apenas lembram o básico dos acontecimentos em torno da demolição do antigo cemitério e da construção da Praça e da Rodoviária.

Para a elaboração deste capítulo usando a História Oral foi utilizado como referencial teórico a Verena Alberti com *Ouvir contar: texto em história oral*, afinal ela vê como “uma das principais vantagens da história oral... o fascínio do vivido” (ALBERTI, 2004, p. 22).

Foi com base nos depoimentos colhidos que foi possível levantar algumas hipóteses sobre a demolição do Cemitério Velho e a construção da Rodoviária exatamente em seu espaço territorial. Primeiro, foi possível presumir que nas vésperas da destruição do antigo cemitério o mesmo já estava em estado de total decadência e abandono, morrendo e agonizando à espera do último tiro de misericórdia que veio acontecer na gestão do ex-prefeito Edilson Coelho e do Vice Neném Lúcio, ambos foram entrevistados e deram como que uma versão oficial dos fatos.

Observou-se, com base nos depoimentos, que o Cemitério Velho era um sepulcrário de pobres em sua maioria dos que lá estavam enterrados. Algo que incomodou, pois, sua localização era praticamente no coração da cidade. Dessa forma, foi possível presumir que houve intencionalidade, sabe-se lá de quem, em deixar o velho cemitério entregue as ações do tempo e de pessoas para ir se deteriorando a ponto de ser construído outro cemitério e não mais haver sepultamento no velho. Porém, o Cemitério Velho não invadiu o centro urbano da cidade, pelo contrário, o cemitério foi invadido pelo centro da Camocim.

Por último, levando em consideração o traço panorâmico histórico de Camocim no recorte temporal deste trabalho (1970-1980) e as observações feitas sobre o que marcou a memória dos que foram entrevistados sobre a problematização desta obra, foi possível colocar a praça e a rodoviária pelo lado avesso e ver que ali jaz o Cemitério Velho. Que a memória dos festejos do centenário de Camocim não apagou completamente a memória das pessoas da época de que ali era um cemitério e que hoje, é a rodoviária.

Uma vez que foi consumada a mudança do Cemitério Velho para rodoviária, no findar da década de 1970, e mesmo com o passar dos anos, o velho cemitério ainda está gravado na memória da coletividade camocinense mesmo tendo sido erguido em seu local algo que com o passar dos tempos é aceito pela comunidade como benfeitoria para a cidade de Camocim. O Cemitério Velho mesmo que seja em vestígios de pensamentos permanece no imaginário de muitos camocinenses.



## 1 – UM PIRILAMPO SOBRE A PRAIANA CIDADE DE CAMOCIM-CE

A cidade de Camocim, espaço de análise deste trabalho, como espaço geográfico é banhada pelo Oceano Atlântico, localizada no litoral oeste do Estado do Ceará, numa distância de 356,9 km, via CE-362 e BR 222, da capital cearense<sup>1</sup> e a 126,3 km, via BR-402, de Parnaíba-PI<sup>2</sup>. Com essa localização litorânea, Camocim sempre atrai os olhares de muitos turistas para si.

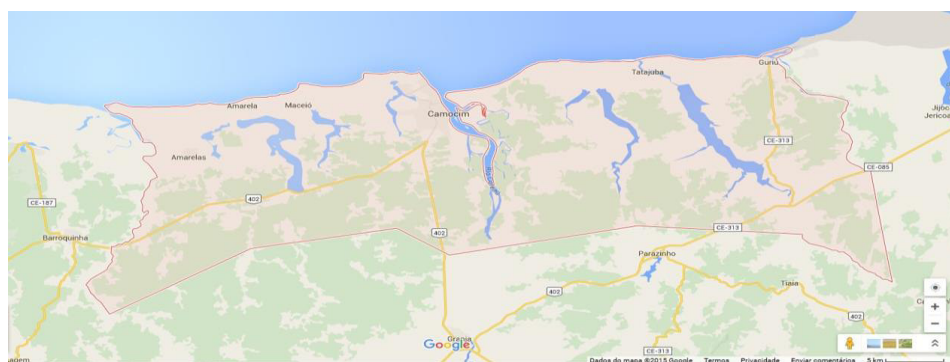


IMAGEM 01: Mapa do Município de Camocim-CE.<sup>3</sup>

De acordo com dados do censo de 2010, Camocim apresenta 0.62 em seu Índice de Desenvolvimento Humano enquanto Fortaleza a Capital do Estado do Ceará o índice é de 0.754; quanto sua população, Camocim tem 60.158 habitantes, sendo 29.770 homens e 30.388 mulheres, já a cidade de Fortaleza têm 2.452.185 habitantes, sendo num total de 1.147.918 homens e 1.304.267 mulheres.<sup>4</sup> Segundo o Blog do Professor Marciano Dantas, dos 184 municípios do Estado do Ceará, os cinco primeiros em população são: 1º lugar Fortaleza com 2.452.185 habitantes, 2º lugar Caucaia com 325.441 habitantes, 3º lugar Juazeiro do Norte com 249.939 habitantes, 4º lugar Maracanaú com 209.057 habitantes e em 5º lugar Sobral com 188.233 habitantes. O município de Camocim aparece em 23º lugar com uma população de

<sup>1</sup> Googlemaps. Disponível em: [https://www.google.com.br/?gws\\_rd=cr&ei=W6wFVpOnKMH6wQTfxZigBg#q=distancia+de+camocim+para+fortaleza](https://www.google.com.br/?gws_rd=cr&ei=W6wFVpOnKMH6wQTfxZigBg#q=distancia+de+camocim+para+fortaleza); acessado em 25/09/2015.

<sup>2</sup> Googlemaps. Disponível em: [https://www.google.com.br/?gws\\_rd=cr&ei=W6wFVpOnKMH6wQTfxZigBg#q=distancia+de+camocim+ce+para+parnaiba-pi](https://www.google.com.br/?gws_rd=cr&ei=W6wFVpOnKMH6wQTfxZigBg#q=distancia+de+camocim+ce+para+parnaiba-pi); acessado em 25/09/2015.

<sup>3</sup> Google.com, disponível em: <https://www.google.com.br/maps/place/Camocim+-+CE/@-2.9580733,-40.840011,11.23z/data=!4m2!3m1!1s0x7ebdbb76cdfc0d:0x70684f6ac2a2689a> (acessado em 18/10/2015)

<sup>4</sup> População.net.com.br. Disponível em: [http://populacao.net.br/qual-cidade-e-maior-camocim\\_ce\\_ou\\_fortaleza\\_ce.html](http://populacao.net.br/qual-cidade-e-maior-camocim_ce_ou_fortaleza_ce.html); acessado em 19/10/2015.

60.158 habitantes<sup>5</sup>, portanto bem distante em número de habitantes em relação a Capital Cearense.

Camocim é um território que aparece na estrutura política vigente no final do Brasil Império, como um município politicamente emancipado, pois segundo consta no livro *A Casa do Povo – História do Legislativo Camocinense*: “Camocim, sem dúvida foi bafejada pela sorte com a decisão do Governo Imperial de construir uma ferrovia ligando seu porto à Sobral. Tal decisão desencadearia um processo de emancipação política que culminou com a criação do município em 1879”. (SANTOS, 2008, p. 13).

Já no livro *Camocim Centenário 1879-1979* registra a seguinte informação:

O município de Camocim foi criado por Lei Provincial n. 1.849, de 29 de setembro de 1879, com território desmembrado do de Granja, e sede no núcleo de Camocim, que foi elevado à categoria de Vila, cuja instalação se efetuou a 8 de janeiro de 1883. Governava o Ceará o Dr. José Júlio de Albuquerque, cearense, depois Barão de Sobral. (MONTEIRO, 1984, p. 119).

Ainda sobre a questão da criação política do município de Camocim, o Professor e Historiador Carlos Augusto Pereira dos Santos, autor do livro *A Casa do Povo – História do Legislativo Camocinense*, acrescenta: Mesmo tendo sido criado o município em 1879, a constituição propriamente dita só vai se efetivar uma década depois. Criada a Villa em 1883, sua instalação só se dará em 1889 pela Lei Provincial nº 2162. (SANTOS, 2008, p. 70).

Portanto, os autores dos livros: *A Casa do Povo – História do Legislativo Camocinense e Camocim Centenário 1879-1979* confirmam que a criação do município de Camocim se reporta ao ano de 1879, ocorrendo assim na última década do Império, pois dez anos depois em 1889 o Brasil passa a ser República como ainda o é hoje, sendo este o ano de sua instalação constitucional. Monteiro de maneira mais positivista informa dia, mês e ano. Como ele diz: “O município de Camocim foi criado por Lei Provincial n. 1.849, de 29 de setembro de 1879” (MONTEIRO, 1984, p.119). Data essa que permanece, oficialmente, como aniversário de fundação da cidade, que completará em 2017, 138 anos de emancipação política.

---

<sup>5</sup> Blog do Professor Marciano Dantas. Disponível em: [http://professormarcianodantas.blogspot.com.br/2011/10/populacao-das-cidades-do-ceara\\_14.html](http://professormarcianodantas.blogspot.com.br/2011/10/populacao-das-cidades-do-ceara_14.html); acessado em 19/10/2015. O Blog do Professor Marciano Dantas tem como objetivo, segundo ele próprio, transmitir informações aos estudantes, professores e amantes da boa leitura.

É com base no contexto descrito anteriormente que o território, que hoje é Camocim, passou a ser cidade, sendo mais do que nunca um espaço de pessoas com seus respectivos grupos, assim como todo centro urbano, que ao longo de suas vivências desenvolvem sensibilidades e memórias que devem ser consideradas em todo seu processo histórico. Como ressaltou Josenias dos Santos Silva em *Parnaíba e o avesso da belle époque*:

Por um lado, estrutura física e espaço simbólico, a cidade é o cenário por onde se desenrolam as ações humanas, as paixões, os vícios, os medos, o trivial. Na cidade se encontra a sede das instituições necessárias ao convívio social, como as residências, a praça, o mercado, o comércio, os locais de lazer e “tolerância”, o lugar da justiça, os aspectos destinados ao trabalho e ao ritual da morte, etc. (SILVA, 2012, p. 27).

Portanto, ao longo de sua história, a cidade de Camocim-CE, será palco de várias decisões, por parte de seus governantes locais, que afetarão as estruturas sociais e emocionais de seus moradores, ou seja, dos cidadãos quer sejam ativos ou não, sob o ponto de vista da participação política, sendo também palco de mudanças e transformações urbanas, que também passam por metamorfoses. Sobre essa questão o livro *A Cidade* da escritora Ana Fani Alessandri Carlos acrescenta:

A cidade, enquanto realização humana, é um fazer-se intenso, ininterrupto. No Brasil, este “fazer-se” aniquila o que já está produzido a fim de criar mais e, infinitamente, formas novas. Isso nos leva a associar a idéia de cidade com as imagens do inacabado. Em última análise, pode-se dizer que as metamorfoses da cidade produzem as imagens de ruínas e devastações modernas. (CARLOS, 2008, p. 67).

Seria este aniquilar do que já fora produzido para criar mais, o tão propalado progresso que as cidades já passaram e estão passando? Não se pode negar as evidências das aniquilações que são impetradas nos espaços das cidades com vistas a transformações que ocorrem em nome do desenvolvimento ou do progresso governamental.

No panorama que estamos fazendo da cidade de Camocim, não podemos deixar de lado o fato de que Camocim-CE é também uma cidade litorânea, pois como já citamos, seu espaço geográfico é banhado pelo Oceano Atlântico, daí sempre que se fala de Camocim em relatos históricos, fala-se de seu porto e do trem que trilhava pelo ramal da Estrada de Ferro de Sobral. Conforme vimos na primeira citação usada nesse trabalho que a “ferrovia ligando seu porto à Sobral” foi decisiva para a emancipação da cidade de Camocim. Historicamente, a estrada de ferro e o porto se relaciona ao progresso em um determinado contexto, e é de relevância ressaltar

a escassez de fontes sobre a história mais remota de Camocim: “A escassa historiografia camocinense, quando trata do município, geralmente elege como principal marco histórico o porto de Camocim e a Estrada de Ferro de Sobral” (SANTOS, NASCIMENTO E PEREIRA, 2013, p.86).

Ao tratarmos da questão das transformações que culminaram com o fim de um símbolo de memória, um cemitério, e a sua substituição por outro símbolo, à época de progresso, não tem nenhuma intenção de desqualificar a importância do porto e da estrada de ferro, porém provocar o interesse para novas abordagens sobre Camocim e sua história como espaço de vivências e memórias. Entretanto, dada à importância desses empreendimentos, como vagalumes, faremos um breve pirilampo sobre a cidade portuária e a linha férrea que ligava Camocim à Sobral, por ser importante elemento de identificação da cidade e de sua história, pois a historiografia local “elege como principal marco histórico o porto de Camocim e a Estrada de Ferro de Sobral”. O escritor Tóbis de Melo Monteiro diz que:

Chegando a linha férrea a Sobral em 1882, passou a encaminhar-se, daí em diante, para o porto de Camocim o movimento de importação de mercadorias, bem como o de exportação de produtos da região, que até então se realizava pelo porto de Acaraú. O maior movimento do porto de Camocim ocorreu, entretanto, durante o ciclo da exportação da borracha amazônica, o qual se estendeu até 1914 quando teve início a primeira guerra mundial. (MONTEIRO, 1984, p. 74).

O autor da citação anterior viu como favorável a chegada da linha férrea, ligando Camocim à Sobral na segunda metade do século XIX, para o movimento de importação de mercadorias via porto de Camocim, tendo seu maior movimento durante o ciclo da exportação da borracha amazônica<sup>6</sup>, estendendo-se até o período da Primeira Guerra Mundial. Monteiro já teria acrescentado antes: “Sob o ponto de vista de macrolocalização, o porto de Camocim apresenta condições bastante favoráveis. Haja vista a sua posição privilegiada na baía situada na foz do Coreáú”. (MONTEIRO, 1984, p. 66).

---

<sup>6</sup> Explorada em pequena escala desde o início do século XIX, a extração da borracha intensificou-se na Amazônia a partir de 1850. Com a comercialização do produto em nível internacional, principalmente entre os anos de 1905 e 1912, época de seu apogeu, quando toda a economia brasileira e em particular a do Amazonas, passou a depender unicamente da extração do látex. Essa época foi denominada de Ciclo da Borracha. Nesse período, toda a economia da Amazônia encontrava-se dominada por firmas estrangeiras, com sede na Inglaterra, Estados Unidos, Alemanha, impedindo qualquer iniciativa contrária aos seus interesses. Portal Amazônia de A a Z, disponível em: <http://www.portalamazonia.com.br/amazoniadeaz/interna.php?id=114>; acessado em 21/11/2016.

Monteiro não apreciava muito o apego do camocinense ao trem, pois via o futuro de Camocim no porto, isso fica claro em suas palavras: “Nós nos apegamos muito ao trem, mas a nossa vocação é para o mar. O futuro de Camocim está no mar” (MONTEIRO, 1984, p.75).

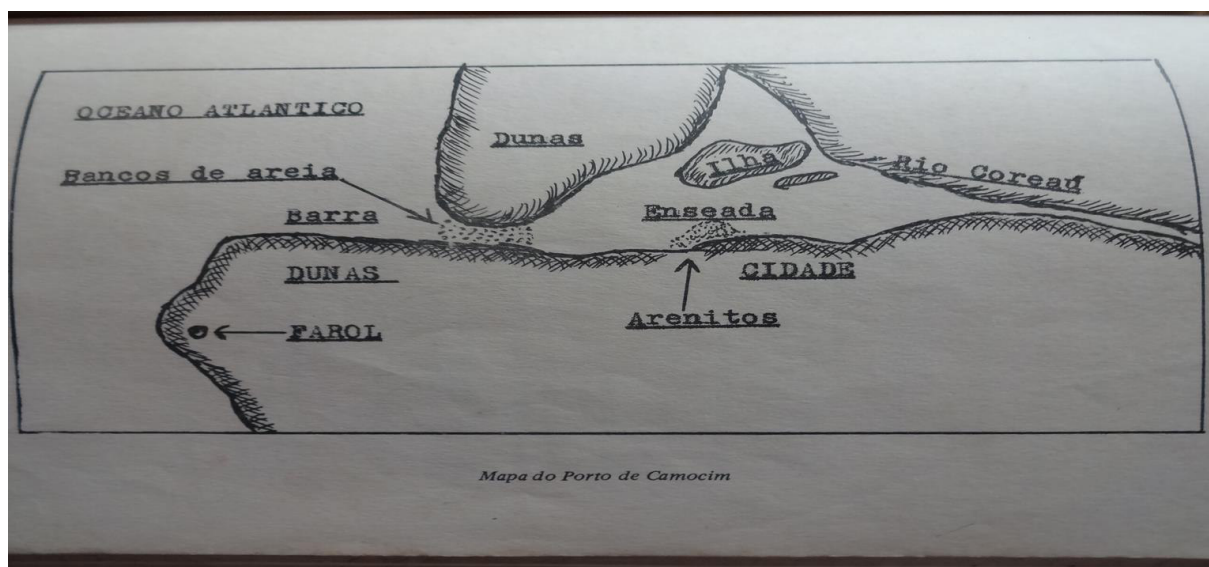


IMAGEM 02: Mapa do Porto de Camocim-CE.<sup>7</sup>

Na luta pela viabilização de uma ligação do porto de Camocim ao município de Sobral, o Professor Carlos Augusto faz alusão a mortífera seca de 1877<sup>8</sup>, como marco definitivo desse processo: “A seca de 1877 é um marco na definição desse processo. O socorro aos flagelados através de obras públicas fez reativar o antigo projeto de ligação do Porto de Camocim à Sobral através de uma ferrovia”. (SANTOS, 2008, p. 48).

Portanto, vale ressaltar que um porto não existe sem pessoas, sem trabalhadores, sem cotidiano e no porto de Camocim não foi diferente, pois “em Camocim, a classe portuária subdividia-se em: portuários, estivadores, conferentes, capatazes, agentes portuários e o

<sup>7</sup> Essa fotografia do Mapa do Porto de Camocim-CE foi tirada do Camocim Centenário 1879-1979 no que corresponde à página 69 do livro.

<sup>8</sup> “A peste e a fome matam mais de quatrocentos por dia”, escreveu Rodolfo Teófilo, horrorizado com o que assistia; parado numa esquina, em pouco tempo viu passarem vinte cadáveres. “E as crianças que morrem nos abarracamentos, como são conduzidas! Pela manhã os encarregados de sepultá-las vão recolhendo-as em um grande saco: e, ensacados os cadáveres, é atado aquele sudário de grossa estopa a um pau e conduzido para a sepultura”.... Hoje se calcula que morreram cerca de quinhentos mil pessoas em consequência da seca de 1877. O engenheiro André Rebouças, abolicionista, negro, respeitado por suas ideias progressistas, calculava em mais de dois milhões as pessoas atingidas pela seca, ainda em novembro de 1877. O Povo Online. Disponível em: <http://www.opovo.com.br/app/colunas/anamiranda/2013/03/09/noticiasanamiranda,3018832/a-grande-seca-de-1877.shtml>, acessado em 1ª/02/2016.

prático, além daqueles que faziam os serviços gerais de limpeza e manutenção dos navios. (SANTOS, NASCIMENTO E PEREIRA, 2013, p.87).

O porto desenvolveu um papel importante para a economia da cidade de Camocim e também do estado do Ceará,<sup>9</sup> porém nos anos de 1970 aconteceu a decadência das suas atividades portuárias com finalidade de exportação, sendo o início dos anos de 1980 o fim de suas atividades. Camocim era uma cidade portuária que teve: “...na década de 1970, últimos anos de existência do porto...” (SANTOS, NASCIMENTO E PEREIRA, 2013, p.94). Atualmente, Camocim, mesmo continuando a ser uma cidade portuária, conta apenas com um terminal pesqueiro. O mesmo aconteceu com o trem: “Depois, já em 1977, chegou a vez do ramal que, também, se tornou deficitário e a RFFSA houve por bem mandar desativá-lo” (MONTEIRO, 1984, p.73)

No cotidiano de um porto e de uma ferrovia percebe-se claramente que estes espaços são também locais de memórias, de medo, de vida e até de morte, como se verifica nas considerações que Francisco Rocha Pereira, um dos autores do livro *Sobre Camocim: política, trabalho e cotidiano*, fez na análise da entrevista que ele realizou com um trabalhador aposentado do porto de Camocim e constatou que:

Considerando-se o tempo percorrido pelo Sr. Luís Damião de Oliveira como portuário, desde meados dos anos de 1940 aos anos de 1970, observa-se que o mesmo se refere a diferentes fases da história e situação vivida. O risco de vida ao sair para o mar, o trabalho “no escuro” (referência à Segunda Guerra Mundial), a insalubridade ao ter que dormir no chão aos pés das paredes... (SANTOS, NASCIMENTO E PEREIRA, 2013, p.90).

Já a constatação de Ana Isabel Ribeiro Parente Cortez em sua dissertação de mestrado *Memórias Descarrilhadas: O trem na cidade do Crato* acrescenta:

A locomotiva atrelada a vagões de passageiros e de cargas carregava junto de si outros aspectos além das promessas de melhorias e bons momentos... Nas entrevistas são verificadas histórias sobre desastres envolvendo a ferrovia... O que se percebe é uma determinada resistência em lembrar os acidentes ocorridos ao longo da via férrea. Suas memórias seguem, geralmente, uma lógica contrária, que percorre um caminho de grandes melhorias... (CORTEZ, 2008, p.149).

---

<sup>9</sup> “No Ceará, do século XVIII até meados do século XX, Aracati e Camocim abrigavam os principais escoadouros da produção cearense. O declínio desses portos ocorreu com a centralização da atividade do Porto do Mucuripe, estabelecendo a primazia exportadora de Fortaleza... Antes disso, porém, era nos portos de Aracati e Camocim que se embarcavam os produtos da terra (carne de charque, algodão, cera de carnaúba e café) e por onde chegavam os demais víveres e os artigos de luxo dos barões e grandes comerciantes da época”. Diário do Nordeste – Regional – Disponível em: <http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/regional/historia-dos-portos-no-ceara-1.306982>, acessado em 1º/02/2016.

Portanto, as citações anteriores só corroboram com as evidências de que portos e ferrovias são lugares de memórias, de medo, de vida e até de morte, pois nas considerações sobre a entrevista do portuário aposentado ele abriga em suas lembranças o medo de perder a vida quando se expressa “o risco da vida ao sair para o mar, o trabalho “no escuro” como expressões de incertezas. Todavia, a autora da dissertação de mestrado percebeu que havia por parte de seus entrevistados “uma determinada resistência em lembrar os acidentes ocorridos ao longo da via-férrea”. Se estes lugares nos remetem a memórias, a medo, a vida e a morte, o que se poderá dizer de um cemitério que é destruído para que em seu território seja construído um novo espaço de vivências para a comunidade.

No livro *Sobre Camocim: Política, Trabalho e Cotidiano* encontramos alusões ao processo de decadência das atividades comerciais, com fins de exportações do porto:

Com a paralisação total do porto, a luta passou a ser por trabalho para sobreviver. Os estivadores teriam que procurar serviço em outros portos longe de suas famílias. O mesmo acontecia com os portuários; uns tinham que sair para outros lugares, outros tiveram que apelar para os armazéns ou casas de comércio da cidade a fim de descarregar carretas ou procurar as firmas de pesca, onde não encontravam serviço suficiente. (SANTOS, NASCIMENTO E PEREIRA, 2013, p.95).

O que há de interessante também na citação é a menção que o autor faz ao transporte rodoviário<sup>10</sup> quando fala do aparecimento de carretas que já trazia mercadorias para o comércio local. Os transportes rodoviários foram fatores que contribuíram para o fim do porto e para a desativação do trem? Todavia, o período de decadência do porto e a desativação do ramal da Estrada de Ferro de Sobral coincide com a construção do Terminal Rodoviário de Camocim que foi construído onde era um cemitério municipal. Trataremos posteriormente mais detidamente sobre a demolição<sup>11</sup> do cemitério e sua transformação.

Entretanto, um porto em acentuada decadência, uma estrada de ferro desativada, um antigo cemitério demolido e a transformação de seu espaço para outra atividade, uma rodoviária e uma praça de lazer, são histórias que se encontram na memória de muitos camocinenses.

---

<sup>10</sup> As primeiras rodovias surgiram no final do século XIX, substituindo as estradas de carruagens. Porém, o desenvolvimento efetivo do transporte rodoviário ocorreu no século XX, em decorrência do crescimento da indústria automobilística, um dos símbolos do capitalismo, superando rapidamente o transporte ferroviário no deslocamento de pessoas e cargas. Brasil Escola – Disponível em: <http://brasilecola.uol.com.br/geografia/rodovias.htm>.

<sup>11</sup> Compreender a demolição do “Cemitério Velho” é o objetivo deste trabalho acadêmico. Entretanto, algumas observações sobre a transformação e transferência de seu espaço para um outro serão ressaltadas vez ou outra no desenvolvimento da obra.

## 1.1 – Focos da cidade no século XX e nas comemorações de seu centenário

Diante da abordagem realizada até aqui, neste trabalho, vamos direcionar nosso foco para a cidade no século XX, mais precisamente na década de 1970, que será nosso espaço temporal nesta pesquisa. Nessa década de 1970, o país como um todo vivia os dias da ditadura militar<sup>12</sup>, Golpe ocorrido no primeiro semestre de 1964. Dentro do recorte temporal, apresentado aqui, o país viveu sob os governos dos Presidentes Garrastazu Médici (1965-1974) e do General Ernesto Geisel (1974-1979). Na edição especial da *Revista Veja*: Brasília 50 anos, na publicação sobre a família do primeiro cidadão nascido no Distrito Federal faz-se uma alusão aos Presidentes Médici e Geisel no seguinte teor:

Em 1969, quando Marlene nasceu, o Brasil começou a ser presidido por Emílio Garrastazu Médici, indicado por uma junta de militares, Aurélio Lyra Tavares, Márcio de Sousa Mello e Augusto Rademaker, a quem Ulysses Guimarães, na Constituinte de 1988, numa provocação retroativa, chamaria “os três patetas”... Os anos de Médici foram duros. Em 1973, ele indica o general Ernesto Geisel, que constituiria seu governo, de modo a deflagrar um cuidadoso e firme processo de retorno à democracia. (VEJA, 2009, p. 178-179).

No que compreende o período de 1966 até o ano de 1982, o Estado do Ceará teve à frente de sua administração os seguintes governadores: Plácido Castelo (1966-1971), César Cals (1971-1975), Adauto Bezerra (1975-1978), Waldemar Alcântara (28 de fevereiro de 1978 – 15 de março de 1979) e Virgílio Távora (ARENA) que governou de 15 de março de 1978 até 15 de março de 1982.<sup>13</sup> Portanto, no ano e no mês das comemorações do primeiro centenário da litorânea Camocim, o Estado do Ceará era administrado por um político da Aliança Renovadora Nacional Virgílio Távora<sup>14</sup> que foi eleito num pleito indireto, algo comum nos dias da ditadura militar no Brasil.

<sup>12</sup> Segundo Maria Gohn: “O período de 1964-74 corresponde à fase de grande repressão na sociedade brasileira, imposta pelo regime militar”. (GOHN, 2003, p.103).

<sup>13</sup> Lista de Governadores do Ceará, disponível em:  
[http://www.wikiwand.com/pt/Lista\\_de\\_governadores\\_do\\_Cear%C3%A1](http://www.wikiwand.com/pt/Lista_de_governadores_do_Cear%C3%A1)

<sup>14</sup> Embora partidário de algumas medidas empreendidas pelo governo Goulart, Virgílio Távora apoiou o movimento político-militar de 31 de março de 1964. Em 1966 foi eleito deputado federal pelo Ceará, dessa vez na legenda da Aliança Renovadora Nacional (Arena). Durante a legislatura que se iniciou em fevereiro do ano seguinte tornou-se membro das executivas nacional e regional de seu novo partido. No pleito de novembro de 1970 elegeu-se senador pelo Ceará, sempre na legenda da Arena, obtendo a maior votação do Nordeste. Deixando a Câmara dos Deputados em janeiro de 1971, assumiu em fevereiro seguinte sua cadeira no Senado. Nessa legislatura foi vice-presidente da Comissão de Finanças e membro das comissões de Segurança Nacional, de Relações Exteriores e de Transportes do Senado.



No entanto, Camocim no período de 1967 até 1982, compreendendo a década de 1970, foi governado pelos seguintes Prefeitos<sup>15</sup>: Setembrino Veras (1967-1971), Dr. José Maria Primo de Carvalho (1971-1974), João Pascoal de Melo (1974-1978) e Edilson Veras Coelho, tendo o Sr. Francisco das Chagas Sobrinho, popular Neném Lúcio<sup>16</sup>, como vice-prefeito (1978-1982). Em 1979 a cidade completaria seu primeiro centenário de emancipação política, num período em que a repressão da Ditadura Militar<sup>17</sup> era sentida em todo território brasileiro, mas no país já existiam movimentos que lutavam pela redemocratização política do Brasil. Maria Gohn em *História dos Movimentos e Lutas Sociais* diz que: “Movimentos pela Redemocratização do País. A rigor, trata-se da reestruturação de grupos desarticulados pelo golpe militar de 1964” (GOHN, 2003, p.115).

Camocim emancipa-se ainda no período do Brasil Império, e quando a cidade chega ao seu primeiro centenário, o Brasil é uma República Federativa. Na época do centenário de Camocim, sua população era de 46.298 habitantes, sendo que 25.287 na zona urbana, segundo dados registrados no livro *Camocim Centenário 1879-1979*, sobre um recenseamento ocorrido no ano de 1980. O autor do livro em referência, Tóbis de Melo Monteiro, diz: “Se estudarmos a situação demográfica do município baseados nos recenseamentos de 1970 e de 1980, verificaremos que a população desta área tem aumentado de maneira lenta” (MONTEIRO, 1984, p.73).

Sobre o aniversário de 100 anos de Camocim o professor e escritor Carlos Augusto Pereira dos Santos publicou no Blog Camocim Pote de Histórias o seguinte:

Uma data centenária é sempre um momento de comemoração. Não foi diferente em Camocim-Ceará, situada no litoral oeste do Estado. O mês de setembro do ano de 1979 foi marcado por muitas festas, inaugurações de obras, promessas de outras. A cidade foi cantada em prosa e verso. No íntimo, talvez o administrador da época procurasse a todo custo fazer com que os munícipes esquecessem a trágica partida do

---

Em abril de 1978, com a proximidade das eleições, Virgílio Távora foi indicado pelo presidente Ernesto Geisel como candidato ao governo do Ceará. Para voltar ao cargo precisou superar a oposição de seu antigo adversário, o ex-governador (1971-1975) e também candidato César Cals. No pleito indireto de setembro do mesmo ano foi eleito governador em substituição a Valdemar de Alcântara. CPDOC disponível em: [http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/biografias/virgilio\\_tavora](http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/biografias/virgilio_tavora)

<sup>15</sup> No livro *A casa do Povo – História do Legislativo Camocinense* – nas páginas 184-186 o autor, Carlos Augusto Pereira dos Santos, registra a 6ª, 7ª, 8ª e a 9ª legislatura de Camocim com os nomes dos Presidentes e vice-presidentes da Câmara Municipal, os nomes dos vereadores da época e os nomes dos Prefeitos e Vice-prefeitos de Camocim no período de 1967-1982.

<sup>16</sup> O Blog Revista Camocim postou uma matéria com o título: Senhor Neném Lúcio completa 100 anos, Parabéns! Disponível em: <http://www.revistacamocim.com/search?updated-max=2015-10-07T07:10:00-03:00&max-results=30&start=120&by-date=false>: (acessado em 1º/11/2015).

<sup>17</sup> Segundo Francisco Rocha Pereira, um dos autores do livro *Sobre Camocim política, trabalho e cotidiano*, “Em Camocim, a repressão da Ditadura chegava aos Sindicatos de Estivadores e Portuários através da Capitania dos Portos” (SANTOS, NASCIMENTO E PEREIRA, 2013, p. 96).

trem e, com ele a desativação do ramal ferroviário Camocim-Sobral, ocorrido há dois anos antes... Camocim, portanto, vivia a realidade da desativação não só da ferrovia, mas também do porto que dava intensos sinais de declínio. A conjugação desses espaços de trabalho, desde o final do século XIX, sustentava a economia local e de toda a região norte do Estado do Ceará ...<sup>18</sup>

Nas palavras acima do Professor Carlos Augusto vê-se, mesmo falando em festas comemorativas, o romantismo e o saudosismo do mesmo quando faz menção a desativação do trem e do porto de Camocim, que geralmente são destacados como principal marco histórico da cidade. Todavia, o ano do centenário da cidade no mês de setembro de 1979 não foi só de comemorações e festas, mas também de inaugurações de obras que foram entregues a população camocinense.

Cabe ressaltar que “é preciso ter em mente, portanto, que há uma multiplicidade de memórias em disputa” (ALBERTI, 2004, p.39). Para o professor e historiador Carlos Augusto a “partida do trem e, com ele a desativação do ramal ferroviário Camocim-Sobral” e o declínio do porto são a memória registrada em sua mente em relação ao final da década de 1970, por assim dizer, o fim do apito do trem e o declínio do porto exprimia o som do atraso e não do progresso para o historiador. Todavia, para o poder público municipal, o final da referida década deve ser lembrado nos registros das comemorações e inaugurações ocorridas pela passagem do primeiro centenário da cidade. Portanto, é bem possível que um pouco de tudo ficou no imaginário coletivo do povo camocinense nessa disputa de memórias.

É oportuno registrar que para a cidade de Camocim-CE, o fim do tráfego de trens via Ramal Estrada de Ferro de Sobral ocorreu, como visto anteriormente, no final da década de 1970. Porém, não foi o fim de todos os trens nos trilhos das cidades interioranas no Estado do Ceará, como diz Ana Cortez: “A extinção do tráfego de trens nos trilhos do interior cearense não ocorreu em um único momento. A Rede ferroviária foi sendo desativada gradativamente” (CORTEZ, 2008, p. 201). Posteriormente, ela acrescenta: “Logo em seguida à extinção das viagens de trem ao longo das linhas férreas do Ceará, norte e sul, o automóvel passou a ser o único transporte da produção que saía e chegava às cidades do sertão” (CORTEZ, 2008, p.

---

<sup>18</sup> A citação faz parte de uma resenha do livro Camocim Centenário 1879-1979, feita pelo Professor e Escritor Carlos Augusto Pereira dos Santos com alunos do Curso de História da UVA – Universidade Estadual do Vale do Acaraú – postada no Blog Camocim Pote de Histórias em 22 de setembro de 2011, blog esse mantido pelo referido professor. Disponível em: <http://camocimpotedehistorias.blogspot.com.br/>; acessado em 29/10/2015.

202). É lamentável dizer que o automóvel<sup>19</sup> substituiu o trem como transporte de carga, pois o veículo que realiza o transporte da produção é o de carga<sup>20</sup>, como exemplo o caminhão e seus similares. Outra observação que Ana Cortez menciona é a saída e chegada da produção apenas nas cidades do sertão cearense, negligenciando as regiões serranas e litorâneas do Ceará, como o caso de Camocim que perdeu no trem um transporte de mercadorias (produção) e passageiros (pessoas).

É nesse contexto que a cidade de Camocim realiza uma série de inaugurações que nos remete ao desenvolvimento urbano de infraestrutura que vez ou outra as cidades atravessam. Portanto, no ano 1979, a gestão municipal de Camocim inauguraria, nas comemorações oficiais de seu centenário, as seguintes obras relatadas por Tóbis Monteiro:

Dia 30/9/79, às 8 horas: Concentração na Praça Pinto Martins, com desfile das Escolas Municipais e inauguração solene do busto do aviador Pinto Martins, ocasião em que se fizeram ouvir vários oradores. Foram inaugurados, também, a Biblioteca Euclides Pinto Martins, o Parque Infantil Dona Luíza Távora, a Estação Rodoviária José Maria Veras, a Praça da Saudade Dona Amélia Fontenele Trévia (Sinhá Trévia), o Centro Social Urbano Dona Hilda Veras Coelho. (MONTEIRO, 1984, p. 124).

Nas observações feitas referentes ao relato acima se verifica que, o autor menciona entre as obras inauguradas, por ocasião das comemorações dos cem anos de emancipação política de Camocim, a inauguração de um terminal rodoviário, que ele refere-se como “estação rodoviária”<sup>21</sup> e não como terminal ou simplesmente rodoviária. Seria saudosismo do escritor camocinense, pois naqueles idos a Estação Ferroviária era desativada na cidade, pois ele mesmo escreveu: “Depois, já em 1977, chegou a vez do ramal que, também, se tornou deficitário e a RFFSA houve por bem mandar desativá-lo” (MONTEIRO, 1984, p.73), ou seria essa a nomenclatura dada aos primeiros terminais rodoviários no Brasil, ou os dois fatores juntos. Ele menciona também a inauguração da praça que fica na frente da rodoviária com o

<sup>19</sup> Segundo o Código de Trânsito Brasileiro em seu ANEXO I – DOS CONCEITOS E DEFINIÇÕES, define automóvel – veículo automotor destinado ao transporte de passageiros, com capacidade para até oito pessoas, exclusive o condutor. CTB, 2005, p. 83.

<sup>20</sup> Segundo o Código de Trânsito Brasileiro em seu ANEXO I – DOS CONCEITOS E DEFINIÇÕES, define veículo de carga – veículo destinado ao transporte de carga, podendo transportar dois passageiros, exclusive o condutor. CTB, 2005, p. 87.

<sup>21</sup> Quando se pensou em criar estações rodoviárias, o estado do Rio Grande do Sul foi pioneiro no incentivo. Porém, muitos empresários ainda não viam os benefícios de criar um local único para embarque e desembarque, o que hoje nos parece muito trivial, pois num local concentrado de embarque reduz custos tanto para as empresas, como facilita a vida dos passageiros, por criar um local de referência. O Blog do Mestre – Disponível em: <http://www.oblogdomestre.com.br/2014/04/aprimeirarodoviariadobrasil.curiosidades.html>, acessado em 02/02/2016.

pseudônimo “da Saudade”. Porém, há um silêncio do autor sobre a demolição do cemitério local, conhecido como Cemitério Velho<sup>22</sup>, que foi destruído, por parte do poder público, para em seu local serem construídas a “Praça da Saudade” e o terminal rodoviário, primeiro e único da cidade, que foi entregue a sociedade camocinense quarenta anos depois da inauguração da primeira rodoviária do Brasil, na cidade gaúcha de Vacaria em 1939<sup>23</sup>. É desse deslocamento de cemitério para rodoviária e praça que abordaremos em capítulos posteriores.

Vale salientar que na abordagem proposta neste trabalho, dimensões de memórias e sensibilidades aflorarão vez ou outra, pois emoções e afetos deverão ser percebidos no contexto da demolição do cemitério (Pois procurar-se-á entender o processo de destruição do Cemitério Velho para no lugar dele ser construído a Rodoviária da cidade e a Praça “da Saudade”), da morte, dos mortos e dos depoimentos de testemunhas<sup>24</sup> que serão colhidos posteriormente e transcritos no capítulo final deste trabalho acadêmico, pois não há como falar da morte, dos mortos e do lugar de sepultura de entes queridos sem envolver memórias pessoais e coletivas que aflorarão em emoções. Todavia, Maurice Halbwachs diz: “Diríamos voluntariamente que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva” (HALBWACHS, 1990, p. 51). É também nesse contexto que Sandra Jatahy Pesavento, sobre o conceito de sensibilidades, verifica que as emoções são marcas de uma cidade sensível, como ela disse: “Elas são, todas elas, marcas de uma cidade sensível que um dia se impôs ao olhar, à técnica e às emoções daqueles que as traduziram em imagem” (PESAVENTO, 2007, p.22). Já a escritora Ana Fani Alessandri Carlos objetiva: “Por outro lado, traz a percepção das dificuldades vividas nas grandes cidades; a vida, a cidade, a percepção e a sensibilidade que a experiência e o cotidiano nos centros urbanos provocam” (CARLOS, 2008, p.13).

São vários os aspectos que fazem parte do cotidiano de uma urbe, independentemente de seu tamanho geográfico ou de suas dimensões políticas, daí no cotidiano da cidade deve ser inesquecível o aspecto da saúde de seus moradores numa dimensão assistencial médico-

---

<sup>22</sup> Cemitério Velho é um texto do escritor camocinense Inácio Santos, publicado no Jornal O Literário, volume 2, edição 4, dezembro de 1998 às páginas 4 e 5, que com muito saudosismo lembra a destruição do cemitério para ser construída a rodoviária e a praça “da saudade”.

<sup>23</sup> Feitos todos os trâmites burocráticos, em caráter experimental, foi inaugurada, em 19 de abril de 1939, a primeira estação rodoviária no Brasil, na cidade gaúcha de Vacaria, na divisa do Estado de Santa Catarina. Blog do Mestre – Disponível em: <http://www.oblogdomestre.com.br/2014/04/aprimeirarodoviariadobrasil.curiosidades.html>, acessado em 02/02/2016.

<sup>24</sup> Ecléa Bosi em *O Tempo Vivo da Memória* – ensaios de psicologia social – diz: “Mas não vá alguém pensar que as testemunhas orais sejam sempre mais “autênticas” que a versão oficial. Muitas vezes são dominadas por um processo de estereotipia e se dobram à memória institucional” (BOSI, 2003, P.17).

hospitalar e sanitária. No livro *Camocim Centenário 1879-1979*, o autor tem como recorte temporal, a cidade de Camocim “nos últimos 30 anos”<sup>25</sup> de 1954 até 1984, onde nos primeiros anos da década de 1980, o país já estava mobilizado por sua abertura política<sup>26</sup>. Entretanto, sobre o setor de saúde o quadro apresentado por Tóbis Monteiro é o seguinte: “A população de Camocim, no setor de saúde, está sendo regularmente assistida em relação aos demais municípios da zona. Com relação à assistência hospitalar...” (MONTEIRO, 1984, p. 15).

Em seguida, Tobis lista uma série de Instituições de saúde que a cidade de Camocim tinha naqueles dias como: Hospital-Maternidade, Policlínica, Postos de Saúde, Agência do Instituto de Previdência Nacional (INAMPS) e o IPEC (Instituto de Previdência do Estado do Ceará), ambulatórios médicos sendo um no Sindicato dos Trabalhadores Rurais e outro na Colônia de Pescadores, também Laboratórios de Análises Clínicas, todos na zona urbana do município. Assim, Tóbis de Melo Monteiro acrescenta: “Em se tratando de recursos humanos, o Município conta com seis médicos, três dentistas, uma enfermeira, oito auxiliares de enfermagem, dois laboratoristas e uma parteira” (MONTEIRO, 1984, p. 15).

Levando em conta o contexto acima mencionado verifica-se que os avanços da cidade de Camocim-CE no quesito saúde pública, entre os anos de 1954-84, foram adjetivados pelo escritor como regular. Entretanto, percebe-se a ausência de dados estatísticos referentes aos atendimentos médicos: clínico, cirúrgico e odontológico da população urbana e rural do município. Será que a revelação desses dados comprometeria o adjetivo regular dado à saúde na época por Monteiro? Pois em pleno século XXI observa-se, ainda, uma grande quantidade de moradores de Camocim procurando recursos médicos em outras cidades como Sobral e Fortaleza.

Outro fator importante sobre saúde no contexto do quadro apresentado por Monteiro “nos últimos 30 anos” - que não foi explorado pelo autor - foi o aspecto sanitário da cidade. Ficamos apenas a imaginar as condições da cidade naqueles idos sobre suas condições sanitárias, pois nada foi referido sobre como era o abastecimento de água em Camocim, se havia nos ambientes domésticos banheiros com fossas, se havia muitos esgotos a céu aberto na cidade, se havia ou não saneamento básico em algum bairro da cidade. Informações como

---

<sup>25</sup> Na página 23 do livro *Camocim Centenário 1879-1979*, o autor fala “dos melhoramentos” da cidade de Camocim “nos últimos trinta anos”, levando em consideração a data de 1984 como a da publicação da obra entendemos que seu recorte temporal vai de 1954-1984.

<sup>26</sup> “Grandes movimentos sociais e políticos livres de repressão, como, para citar o mais emblemático, a Campanha da Diretas-Já, que mobilizou milhões de pessoas entre 1983 e 1984”. (Revista de História da Biblioteca Nacional, ano 7, nº 83, agosto de 2012)

essas são importantes demais para serem silenciadas em uma obra que aborda uma data simbólica tão importante para uma cidade e respectivamente para seu povo. Será que o autor, ao silenciar sobre os aspectos sanitários de Camocim, queria apenas fazer jus a proposta do livro que “não contém nenhuma crítica a quem quer que seja. Pelo contrário, traz uma mensagem de paz, confiança e otimismo” (MONTEIRO, 1984, p. 7). Entretanto, esta é apenas uma das várias possibilidades sobre a falta de aprofundamento de Monteiro sobre o aspecto da higiene sanitária de Camocim “nos últimos 30 anos” abordados em seu livro.

Não foi nada fácil contextualizar a cidade de Camocim-CE, nesse primeiro capítulo, mesmo em um panorama sucinto, pois na historiografia local há uma escassez bem acentuada de informações sobre vários outros aspectos da cidade e seu cotidiano no período entre os anos de 1970 a 1980. Todavia, o porto e o trem tem sido o mote principal a ser exaltados na historiografia da cidade, acarretando assim, dificuldades na elaboração de outras pesquisas que não tenham nem um nem outro como objeto principal de pesquisa.

Camocim com sua localização privilegiada, pois fica no litoral cearense, foi uma dentre muitas cidades que também teve avanços em infraestrutura, com várias obras sendo construídas num “curto espaço de tempo”. No caso de Camocim isso aconteceu na década de 1970, quando a cidade passou por transformações urbanísticas. É interessante lembrar as palavras de Tobis Monteiro sobre as obras que foram entregues a população camocinense, através de inaugurações realizadas nas festividades do centenário da cidade, ele escreveu: “...inauguração solene do busto do aviador Pinto Martins... Foram inaugurados, também, a Biblioteca Euclides Pinto Martins, o Parque Infantil Dona Luíza Távora, a Estação Rodoviária José Maria Veras, a Praça da Saudade Dona Amélia Fontenele Trévia (Sinhá Trévia), o Centro Social Urbano Dona Hilda Veras Coelho”. (MONTEIRO, 1984, p. 124). Ressaltando que os anos de 1967-1979<sup>27</sup> foram contemplados vários lugares com obras de infraestrutura do governo militar, pois o país vivia sob uma ditadura comandada principalmente pelos militares.

Neste trabalho, abordaremos de forma mais contundente a transformação realizada num cemitério local, cujo nome era São Francisco, porém conhecido como “Cemitério Velho”,

---

<sup>27</sup> Segundo o site Guia do Estudante: “O período de 1967 a 1979 foi marcado por construções faraônicas, obras que ainda hoje têm importância estratégica, validadas pela propaganda ufanista do “Brasil Grande”, e do “Ame-o ou deixe-o”. É inegável o avanço da infraestrutura que criaram a partir do nada, mas quando o general João Batista Figueiredo saiu pelos fundos do Palácio do Planalto em 1985, encerrando o ciclo de governos militares no país, o cenário era irreconhecível: na esteira do desenvolvimentismo veio a estagnação econômica, a dívida externa e pesados impactos ambientais”. Disponível em: <http://guiadoestudante.abril.com.br/aventuras-historia/obras-infraestrutura-ditadura-militar-brasil-estao-maiores-seculo-20-781081.shtml>, acessado em: 06/07/2016.

localizado entre as Ruas Paissandu, José de Alencar e Alcindo Rocha, localização praticamente no centro da cidade. Hoje, o novo espaço compõe o cenário urbano de Camocim. O certo é que moradores mais antigos da cidade abrigam em suas memórias o fato de que o velho cemitério foi demolido totalmente para em seu lugar ser construído uma praça de lazer e um terminal rodoviário, sendo a cidade contemplada com uma rodoviária.



IMAGEM 03: Praça da Rodoviária<sup>28</sup>

Todavia, entende-se que, num processo de transformação de espaços dentro de uma determinada cidade, tal processo tende a afetar os sujeitos pertencentes a localidade, pois as cidades são habitadas por pessoas e grupos de pessoas que ao longo de suas vivências desenvolvem sensibilidades e memórias coletivas e individuais<sup>29</sup> que necessitam ser consideradas, em todas as decisões que seus governantes venham a tomar, mesmo que seja em nome do “progresso” da urbe. Dessa forma, não há como realizar uma modificação de um determinado espaço dentro da cidade, que não provoque um abalo nas estruturas sociais e emocionais de seus moradores, principalmente nos que presenciam as transformações.

Um cemitério<sup>30</sup> é o espaço onde a cidade dá sepultura aos seus mortos. Portanto, ao transformar esse espaço de morada dos mortos em lugar de encontros, viagens e partidas, não teria o poder político local, direta ou indiretamente, afetado e até mesmo alterado nas pessoas suas sensibilidades, memórias e convivência em relação à morte, ao morto e ao próprio

<sup>28</sup> Foto da Praça da Saudade Sinhá Trévia popularmente Praça da Rodoviária com o Terminal Rodoviário José Maria Veras ao fundo. Local onde era o Cemitério São Francisco conhecido como Cemitério Velho. Aonde o caminhão está estacionado ficava o portão principal do Cemitério Velho bem em frente com a atual Rua Alcindo Rocha, centro de Camocim-CE. Fotografia: Cris Monteiro em 23/01/2017.

<sup>29</sup> “A memória coletiva, por outro, envolve as memórias individuais, mas não se confunde com elas”. A Memória Coletiva de Maurice Halbwachs, 1990, p. 53.

<sup>30</sup> “O local de sepultura era um aspecto importante da identidade do morto” (REIS, 1991, p.190). Todavia, para Reis “as pessoas queriam ser enterradas em território conhecido, no ambiente em que viveram, próximas daqueles com quem compartilharam a vida” (REIS, 1991, p. 186).

cemitério? Quanto ao simbolismo que a comunidade tem de proteger seus mortos de acordo com suas crenças e rituais de sepultamento, é, portanto, à maneira como alguns cidadãos veem o espaço de sepultura dos mortos, como territorialidade doméstica e lugar santo, daí referir-se ao cemitério de uma cidade, com a expressão “campo santo”. Questão que abordaremos posteriormente com mais detalhes.

Portanto, houve na história de Camocim uma mudança. Um espaço foi transformado e ressignificado: de Cemitério para Rodoviária, de território dos “mortos” que só chegavam para território dos vivos que se locomovem e transitam, num chega e sai de passageiros.

A demolição do cemitério e seu espaço transformado em rodoviária será o objeto dos próximos capítulos, pois neste espaço a intenção foi tentar costurar um contexto para nele inserir a cidade de Camocim-CE, que foi criada por lei Provincial no apagar das luzes do Império brasileiro que logo daria espaço para o Brasil República. Entende-se, porém, que essa contextualização realizada aqui é muito sucinta, pois contextualizar a história de uma cidade é algo muito complexo em virtude do vasto campo que pode ser desbravado, algo que não é a proposta principal de pesquisa deste trabalho. Entretanto, o próximo capítulo começa sobre o significado da palavra Camocim, para, a partir de então desenvolver uma breve abordagem sobre a morte, o morto e o local de sepultura para poder chegar ao último capítulo sobre o processo de transformação do Cemitério Velho de Camocim em terminal rodoviário e praça de lazer e de novas vivências, onde se tentará compreender através de fontes escritas e orais como a população reagiu ao processo de pôr a rodoviária sobre o cemitério.



## 2 – CAMOCIM “POTE DE ENTERRAR DEFUNTO”

Depois do sucinto panorama apresentado anteriormente, contextualizando historicamente a litorânea cidade de Camocim-CE, este capítulo começa com uma breve explanação sobre o significado da palavra Camocim, nome pelo qual a “Rainha do Mar”<sup>31</sup> foi batizada.

No clássico da literatura nacional escrito pelo autor cearense, José de Alencar, “*Iracema*” encontra-se o seguinte texto:

... - Os guerreiros de meu sangue trazem a morte consigo, filha dos tabajaras. Não a temem para si, não a poupam para o inimigo. Mas nunca fora do combate eles deixarão aberto o camucim da virgem na taba de seu hóspede. A verdade falou pela boca de Iracema. (ALENCAR, 2009, p. 30)

No mesmo clássico, em referência a citação anterior, encontra-se a seguinte nota:

Camucim – Vaso onde encerravam os indígenas os corpos dos mortos e lhes servia de túmulo; outros dizem camotim, e talvez com melhor ortografia, porque, se não me engano o nome é corrupção da frase co – buraco, ambira – defunto, anhotim - enterrar; buraco para enterrar o defunto: c'am'otim. O nome dava-se também a qualquer pote. (ALENCAR, 2009, p. 30)

Tendo como base as citações anteriores, do romance de Alencar, entende-se que a palavra Camocim é de origem indígena, tendo como grafia *camucim* que significa um buraco, ou um vaso, ou um pote para enterrar defunto, mostrando a preocupação já existente entre os indígenas em dá um lugar de descanso (sepultura) aos seus mortos.

Ainda sobre o nome Camocim, Carlos Augusto no Blog Camocim Pote de Histórias se expressa assim:

Muito já se tem escrito sobre a etimologia da palavra “Camocim”. Sem desmerecer a versão de José de Alencar e outros autores, já tive a oportunidade de escrever no “O Literário” que prefiro a mais simples, isto é, àquela que vem do nosso Tupi-guarani, evidenciada por Debret em sua “Viagem pitoresca ao Brasil”. Para o artista francês, que representou em belas pranchas os “potes” que os indígenas usavam como urnas funerárias, eram denominadas “Camucis”<sup>32</sup>

<sup>31</sup> A expressão “Rainha do mar” em referência a cidade de Camocim, aparece poeticamente no estribilho do Hino de Camocim que o Senhor Francisco Valmir Rocha como autor. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/hinos-de-cidades/943206/>, no Site Letras.

<sup>32</sup> Blog Camocim Pote de Histórias, disponível em: <http://camocimpotedehistorias.blogspot.com.br/2011/02/historia-do-pote.html>

Observa-se na citação anterior que o professor Carlos Augusto, preferencialmente adota um termo mais simplificado para o significado da palavra Camocim, sua predileção não se distânciava muito em relação ao exposto no romance *“Iracema”*, pois ambos os significados apresentados remontam a origem indígena para o nome Camocim que aponta para algo utilizado pelos índios para enterrar seus iguais. Assim sendo, Camocim, no senso comum é um “Pote para enterrar defunto”, pois não se pode negar que em todo o território que hoje, é o Brasil foi habitado pelos povos indígenas e que não dá para olvidar a influência direta das línguas ou dialetos desses povos nos significados de vários nomes dados a algumas cidades brasileiras.

Levando-se em conta as referências históricas em relação a palavra Camocim, encontra-se a possibilidade de metaforizar que a praiana Camocim-CE evidencia em seu nome elementos nítidos do cotidiano universal das pessoas, dos seres humanos: morte, morto e lugar de sepultura, elementos esses que marcam a memória dos vivos e apagam a memória dos que morrem, pois como reza o texto bíblico de *Eclesiastes*, pensado num viés da tradição judaico-cristã:

Porque os vivos sabem que hão de morrer, mas os mortos não sabem coisa nenhuma, nem tampouco terão eles recompensa, porque a sua memória jaz no esquecimento. Amor, ódio e inveja para eles já pereceram; para sempre não têm eles parte em coisa alguma do que se faz debaixo do sol. (BÍBLIA DE ESTUDO ALMEIDA, 1999, p. 712)

O que é possível extrair da passagem bíblica de *Eclesiastes* 9: 5 e 6, citada anteriormente, é que na morte existe um estado de mais absoluta inconsciência do morto, pois a memória da pessoa morta “jaz no esquecimento” e sentimentos como o amor, o ódio e a inveja deixam de existir. Utilizando-se de Mircea Eliade, “devemos, contudo, precisar desde já que a memória é considerada o conhecimento por excelência” (ELIADE, 2007, p. 83), algo que deixa de existir na pessoa quando morre, conforme está escrito em *Eclesiastes* 9: 10 que diz: “Tudo quanto te vier à mão para fazer, faze-o conforme as tuas forças, porque no além<sup>33</sup>, para onde tu vais, não há obra, nem projetos, nem conhecimento, nem sabedoria alguma”. Levando em conta o que foi enunciado até aqui neste trabalho, para entrar diretamente no

---

<sup>33</sup> Verificando outras traduções bíblicas, observa-se que há uma variante nesse verso de *Eclesiastes*, pois algumas usam a palavra além, e outras a palavra sepultura.

processo de demolição do Cemitério Velho que foi transformado em um espaço de vivências, entende-se que cabe uma breve abordagem sobre a morte, o morto e o lugar de sepultura, atualmente, os cemitérios, pois a “Rainha do Mar”, como poeticamente a cidade de Camocim é ovacionada em seu hino, traz em sua identidade a marca de “Pote de enterrar defunto”. Portanto, hoje, o Pote é um dos principais símbolos da praiana cidade da costa oeste do Ceará.

## 2.1 – A morte como sono

Para falar sobre a morte, algo que rompe o nosso cotidiano, faz-se necessário dizer que sobre a mesma existem diversas conceituações e explicações. Vamos nos ater ao sentido do termo na nossa língua e em algumas referências de cunho bíblico religioso, sem maiores problematizações científicas e filosóficas.

Segundo o *Minidicionário Sacconi* (1996, p. 469) da *língua portuguesa*, morte é um substantivo feminino que entre outros conceitos significa: Ato de morrer, fim da vida, fim e término. Portanto, gramaticalmente pode-se entender a palavra morte como antônimo de vida, assim como vida é antônimo de morte. Porém, “na mitologia grega, Sono e Morte, Hipnos e Tanatos, são dois irmãos gêmeos”<sup>34</sup>, ou seja, a morte está diretamente associada ao sono, ao adormecer. Daí encontrarmos no Novo Testamento da *Bíblia Sagrada*, cuja escrita original é de versão grega, mais precisamente no *Evangelho de João*, o seguinte relato de Jesus sobre a morte de Lázaro:

Estava enfermo Lázaro, de Betânia, da aldeia de Maria e de sua irmã Marta. Esta Maria, cujo irmão estava enfermo, era a mesma que ungiu com bálsamo o Senhor e lhe enxugou os pés com os seus cabelos. Mandaram, pois, as irmãs de Lázaro dizer a Jesus: Senhor, está enfermo aquele que amas... Isto dizia e depois lhes acrescentou: Nosso amigo Lázaro adormeceu, mas vou para despertá-lo. Disseram-lhe, pois, os discípulos: Senhor, se dorme, estará salvo. Jesus, porém, falara com respeito à morte de Lázaro; mas eles supunham que tivesse falado do repouso do sono. Então, Jesus lhes disse claramente: Lázaro morreu... João 11: 1,2,3, 11.12.13 e 14. (BÍBLIA DE ESTUDO ALMEIDA, 1999, p. 156)

Verifica-se na citação bíblica que Jesus Cristo associou a morte da pessoa, nesse caso de Lázaro, diretamente ao sono, ou a um estado de dormência, tanto é que seus discípulos não entenderam que Lázaro havia morrido até que o próprio Cristo teve que se expressar claramente dizendo “Lázaro morreu”. Com base na citação de *Eclesiastes*, escrita anteriormente, que está no Antigo Testamento da *Bíblia*, e com essa do Novo Testamento, há uma possibilidade real de compreender que a morte no conceito bíblico é um adormecer em

<sup>34</sup> ELIADE, Mircea, Mito ou realidade; [tradução Pola Civelli] – São Paulo: Perspectiva, 2007, p. 112.

pleno estado de inconsciência, pois quem já leu o relato da ressurreição de Lázaro<sup>35</sup> deve ter percebido que ao sair do sepulcro ele não contou nenhuma história além-túmulo, pois se ele estava inconsciente é óbvio que não tivesse nada para contar.

A morte também está ligada a ritualidades. O historiador João José Reis em *A Morte É Uma Festa*<sup>36</sup>, no capítulo cinco, escreve sobre “A hora do morto: ritos fúnebres domésticos”<sup>37</sup>, porém no tópico sobre o luto, discorre sobre algumas tradições que aconteciam após o enterro dos defuntos tais como: “Tendo saído o enterro, procurava-se apagar os rastros da morte em casa. As roupas do defunto, especialmente suas roupas de cama e o colchão (no que sono e morte aparecem associados), eram destruídas ou jogadas fora”. (REIS, 1991, p.132).

É clara a observação de que João José Reis ao abrir um parêntese no enunciado anterior sobre uma das tradições, ainda recorrentes no Brasil do século XIX, após um sepultamento, mostra-nos que mesmo indiretamente em um rito tradicional com respeito a morte, a coloca associada ao sono, ao repouso. Portanto, apesar da diversidade de crenças, de tradições, de simbolismo, de cerimônias em torno da morte do ser humano morto, ela não deve ser considerada ou lembrada apenas como uma espécie de representação de chamamento, pois o profeta Ezequiel pronunciou uma mensagem do Deus de Israel nos seguintes termos: “Porque não tenho prazer na morte de ninguém, diz o Senhor Deus. Portanto, convertei-vos e vivei!”<sup>38</sup>.

Assim é, de considerável importância as diversas conceituações e explicações sobre a morte, para que as pessoas não a vejam apenas num viés, até certo ponto ocidental, dos dogmas do cristianismo proclamado pelo catolicismo romano ou pelo mundo evangélico. Todavia, deve se entender que a questão relacionada a morte das pessoas, não deve e não pode ser patenteada por um discurso oficial de uma religião dominante, ou de quaisquer outros grupos religiosos, apesar dessa questão não ser a abordagem principal deste trabalho, fica a observação.

<sup>35</sup> O relato completo da ressurreição de Lázaro de Betânia encontra-se no evangelho de João no capítulo onze, que é composto por cinquenta e sete versículos.

<sup>36</sup> João José Reis em seu livro *A Morte É Uma Festa* apresenta como objetivo central a revolta popular acontecida na cidade de Salvador-BA, em 25 de outubro de 1836, que ficou conhecida como A Cemiterada. Para o autor “A Cemiterada foi uma rebelião repentinamente anunciada” (REIS, 1991, p.321).

<sup>37</sup> A hora do morto: ritos fúnebres domésticos é o título do quinto capítulo do livro *A morte é uma festa* de João José Reis.

<sup>38</sup> Citação Bíblica de Ezequiel 18:32.

Diante das várias perspectivas apresentadas, a morte não é uma passagem de vida para vida, pois a “morte é desordem e, por mais esperada e até desejada que seja, representa ruptura com o cotidiano” (REIS, 1991, p.138). A morte também perpassa o cotidiano e o excepcional da vida humana. De tal maneira é melhor ficar com as palavras do poeta em o “eterno aprendiz”<sup>39</sup> quando da vida, canta: “É o sopro do Criador, numa atitude repleta de amor” e da morte acrescenta: “Ninguém quer a morte, só saúde e sorte”.

## 2.2 – O morto em seu estado físico

Sobre o morto seria muito cômodo dizer que é tão somente um corpo de um ser vivo, agora após a morte, inerte e sem vida, sem o pleno funcionamento do cérebro, sem o bater do coração, apenas um cadáver que logo entrará em estado de putrefação, invocando desta forma o aspecto biológico do ser humano. Não à toa “é a compreensão da morte que gera a noção de tempo que ultrapassa as limitações biológicas de um indivíduo” (CERRI, 2011, p. 86).

Todavia, o ser humano com sua capacidade de raciocínio e no uso de seus diversos sentimentos consegue, simbolicamente ou não, em sua maioria, respeitar e dá vida ao morto através de suas lembranças, de sua memória. Maurice Halbwachs acrescenta que: “quando uma pessoa morre, e deixa um herdeiro natural, dizemos que “o morto agarra-se ao vivo”” (HALBWACHS, 1990, p. 146). Portanto, pode um morto agarrar-se ao vivo quando, metaforicamente, o morto deixou em vida “um herdeiro natural”, deixou com ele a memória de sua vida, de seus dias, de seus feitos. Com base no contexto anterior, as palavras de Luís Fernando Cerri se fazem apropriadas ao momento:

A consciência da morte impõe a noção de memória, porque não deixamos de existir enquanto os que nos sobreviverem se lembrarem de nós de alguma maneira, seja individualmente, seja através dos elementos de cultura que alimentamos e partilhamos ao longo da vida. Por outro lado, para o indivíduo, a perspectiva da morte e da sobrevivência dos demais impõe a noção de futuro, e por isso ele age no sentido de facilitar, depois que ele não estiver mais aqui, a vida dos que ama. (CERRI, 2011, p. 86).

Portanto, se no indivíduo morto lhe falta a consciência da própria existência, pois “sua memória jaz no esquecimento”, em vida a consciência da morte é real. Daí tanto Maurice Halbwachs como Luís Fernando Cerri perceberem a memória como um fator de permanência

<sup>39</sup> Os trechos: “É o sopro do Criador, numa atitude repleta de amor” e “Ninguém quer a morte, só saúde e sorte” são parte da música Eterno Aprendiz do já falecido Gonzaguinha. Os trechos da canção foram pesquisados em Letras.com disponível em: <http://www.letras.com.br/#!/gonzaguinha/eterno-aprendiz>, acessado em: 28/04/2016.

do morto, como se estivesse vivo, via às suas lembranças sobreviverem nos vivos como um agarrar-se entre morto e vivo.

Já o historiador João José Reis, em seu clássico que está sendo explorado nesse trabalho, sobre ritos fúnebres no Brasil do século XIX ele se expressa da seguinte maneira sobre os mortos:

E, assim, parentes e amigos dos mortos, a própria Igreja e até o Estado terminavam por definir mais do que os mortos o feitiço dos funerais. Estes pertenciam aos vivos, que neles projetavam sua dor, insegurança e culpa, mas também seus valores culturais, hierarquias sociais, ideologias políticas e religiosas. As famílias enlutadas faziam desses enterros uma oportunidade de demonstrar seu prestígio, proporcionando aos convidados um espetáculo fúnebre equivalente, ou se possível superior a sua posição social. A Igreja e o governo enterravam seus dignitários em cerimônias de exibição de poder, fazendo-as lições de aceitação da ordem. Se divergisse dos objetivos da família, da Igreja ou do Estado, a voz do morto podia dar ouvidos surdos. (REIS, 1991, p.159).

Algumas considerações devem ser ressaltadas em relação a citação anterior, tais como: o peso da Igreja, lembrando que o autor se refere a Igreja Católica Romana que era a religião dominante da época, do Estado e da família predominando sobre o morto com suas ideologias, pois a ordem vigente das coisas eram mantidas e aceitas como lições; a valorização do morto por parte das instituições: Estado, Igreja e família que se apropriavam do morto e da cerimônia fúnebre para oferecer aos convidados, para o funeral, como disse no decorrer da citação anterior “um espetáculo fúnebre equivalente, ou se possível superior a sua posição social”, se fosse para falar de permanências e mudanças, sem sombra de dúvidas aqui está uma permanência em relação aos ritos fúnebres, a posição social do morto que ainda é bastante valorizada pela sociedade contemporânea. Infelizmente ou não, há na maioria das vezes, um respeito e uma consideração maior pelo morto do que pelos vivos.

Porém na citação, ainda em questão, é dito que se houvesse divergência nos ritos fúnebres “a voz do morto podia dar ouvidos surdos”, assim mais uma vez vê-se que metaforicamente o morto ganha vida, desta feita na voz, sendo que nesse contexto sua voz não seria ouvida. Por isso é enfatizado aqui que apesar de a morte ser um estado pleno de inconsciência de acordo com o conceito bíblico judaico-cristão já elencado nesse trabalho, o morto não é visto tão somente assim, a não ser os que são indigentes, os que não têm um mínimo de posição social. Daí José Reis dizer: “a morte era uma das poucas chances, e a última, de estabelecer simbolicamente a igualdade” (REIS, 1991, p.159). A pergunta que fica é: que igualdade? O arquiteto Renato Cymbalista (2002) em *Cidade dos Vivos*, só amplia o

questionamento dizendo: Até que ponto as representações da morte são mais um dos privilégios das elites, deixando para o restante da sociedade apenas a possibilidade de reagir a essas representações vindas de cima? (CYMBALISTA, 2002, p.20).

Diante do exposto pelo arquiteto e escritor Renato Cymbalista, na citação do parágrafo anterior, existe representações sobre a morte que se constituem em privilégios das elites, pois a igualdade da morte só se verifica no fenômeno físico do estado do morto. No entanto, encontra-se na obra de João José Reis, que está sendo bastante útil na elaboração desse trabalho, que “o local de sepultura era um aspecto importante da identidade do morto” (REIS, 1991, p.190). Seria, todavia, essa identidade a prevalência do status social do morto, ou apenas preceitos de um viver que não foi vivenciado antes da morte, mas acalentado na vida e lembrança dos que perderam um ente querido para a morte.

Entretanto, não se deve negar que, em cada cultura religiosa ou não, existem diversas formas de respeito aos mortos com seus vários rituais e funerais. De certo que, não aleatoriamente, em *A Morte é Uma Festa*, o Historiador Reis menciona “o respeito aos mortos expresso na decência dos ritos fúnebres” (REIS, 1991, p.149). É bem verdade que rito fúnebre pode ser decente em uma cultura e em outra não, daí a necessidade de, no mínimo, ser respeitado as cerimônias fúnebres que são estranhas naquilo que cremos ou aceitamos como legítimo. Por isso, desde as antigas civilizações se percebe a preocupação de dar lugar de repouso aos seus mortos, quer seja em grandes pirâmides, com seu processo de mumificação do morto, ou até mesmo usando um pote como urna funerária como indígenas fizeram em um passado remoto em suas terras, que se chamam “nossas”, até chegar aos atuais cemitérios públicos municipais.

### **2.3 – Cemitério: dormitório dos mortos**

De acordo com a descrição do Site de Etimologia, a palavra cemitério significa dormitório que por sua vez significa “aposento onde dormem muitas pessoas”.<sup>40</sup> Sobre o vocábulo *cemitério* está escrito assim: “Cemitério” vem do Latim COEMETERIUM, do Grego KOIMETERION, local de repouso, dormitório”, de KOIMAO, “ponho para dormir”. Portanto, pode-se dizer que um cemitério é um dormitório ou um local de descanso dos mortos.

---

<sup>40</sup> Fonte: Dicionário Criativo, disponível em: <http://dicionariocriativo.com.br/significado/dormit%C3%B3rio>, acessado em 21/04/2016.

Daí mais um elo que reforça a morte como um sono, um estado de inconsciência total em que se encontra um indivíduo após seu falecimento. Porém, alguém poderia argumentar que este aspecto é apenas físico, biológico, pois a alma vai para o céu ou algo similar, ou até mesmo para local antagônico. A escritora estadunidense Ellen White acrescenta:

Se fosse verdade que a alma passa diretamente para o Céu na hora do falecimento, bem poderíamos então anelar a morte em lugar da vida. Por esta crença, muitos têm sido levados a pôr termo à existência. Quando dominados pelas dificuldades, perplexidades e desapontamento, parece coisa fácil romper o tênue fio da vida e voar além, para as bênçãos do mundo eterno. (WHITE, 1988, p. 539).

Sem a intenção de problematizar mais a fundo o após morte, ou o sobrenatural, pois exigiria uma profunda e acurada pesquisa em âmbito mais complexo e mundial sobre as diversas crenças sobre o assunto, que não é o objeto principal desse trabalho, apenas houve uma apropriação da referência anterior por perceber na escritora uma sensatez, pois àqueles que apregoam uma vida após morte, pelo menos no mundo cristão ocidental, não se vê nenhum tirando sua própria vida, em sã consciência, para ir à busca de uma melhor situação além-túmulo. Portanto, a crença da imortalidade da alma é fraca e débil em suas bases, pois se morte é antônimo de vida para que ficar especulando o contrário sem uma base sólida e firme.

Voltando-se para o sepultamento dos falecidos, João José Reis escreveu: “o local de sepultura era um aspecto importante na identidade do morto” (REIS, 1991, p.190), sendo que ele mesmo discorreu em seu livro:

Uma das formas mais temidas de morte era a morte sem sepultura certa. E o morto sem sepultura era dos mais temidos [...] O negociante carioca Joaquim Luís de Araújo, residente na Bahia, fazia frequentes viagens a Lisboa e temia morrer no trajeto. Em seu testamento de 1823 escreveu: “espero, na Misericórdia divina, eu morrer em terra”. Três anos depois morreu no mar. Era importante morrer em terra firme, não para ser enterrado em qualquer lugar, mas em lugar sagrado (REIS, 1991, p.171).

Vale ressaltar o contexto das palavras da referência anterior, é do Brasil da primeira metade do século XIX, onde os sepultamentos ainda ocorriam dentro das igrejas católicas. Todavia, este temor de morrer sem sepultura e a crença de ter o sepultamento em lugar sagrado foram transmitidos para os cemitérios, que recebe em muitos lugares a nomenclatura de “Campo-santo”.<sup>41</sup> Sendo que o cemitério na questão da cemiterada, que é o objeto do historiador José João Reis no livro *A Morte é Uma Festa*, recebeu o nome de Campo Santo,

---

<sup>41</sup> No Site Dicionário Informal a expressão Campo-santo significa: “Lugar onde repousa os corpos das pessoas – Cemitério. Disponível em: <http://www.dicionarioinformal.com.br/campo-santo/>.



daí o escritor acrescentar: “Campo Santo era uma citação direta do modelo italiano de enterrar” (REIS, 1991, P.295).

Se na primeira metade do século XIX ainda existia no Brasil os sepultamentos dentro de igrejas, no mesmo século ocorre o advento dos cemitérios públicos que se consolidam no final do século citado. Encontra-se no livro *Cidade dos Vivos*:

[...] os vários discursos que acabam por transformar fortemente a inserção urbana dos mortos na cidade, período que conclui na última década do século XIX com a consolidação do cemitério municipal como local que centraliza a morada dos mortos [...] o cemitério – em geral municipal, periférico e em tese secularizado – consolida-se no final do século XIX como local por excelência reservado às relações entre os vivos e os mortos na cidade (CYMBALISTA, 2002, p.18).

Observa-se na citação que a consolidação do cemitério municipal não se dar apenas como morada dos mortos, mas também como local de relacionamento de vivos e mortos. É bem possível e viável que a relação de vivos e mortos ocorra por parte das lembranças que ficam registradas na vida das pessoas que têm entes queridos nos cemitérios. Como diz no prefácio da obra *A Memória Coletiva* “a lembrança é como a fronteira e o limite” (HALBWACHS, 1990, p. 14).

Ainda sobre a municipalidade dos cemitérios, o arquiteto Renato Cymbalista amplia sua conceituação com as seguintes palavras:

O cemitério público surgiu em nome da civilização – de certa civilização – e como garantia universal de ao cidadão – vivo, mas também morto – agora cabia um local delimitado, nessa sociedade das marcas exteriores. Com efeito, o crescente processo de secularização fez com que os mortos saíssem dos espaços privados, ou de debaixo das igrejas, para ganhar destinos próprios e conformações originais. (CYMBALISTA, 2002, p.13).

O que se entende na citação anterior é que esse “local delimitado”, o cemitério público, é uma invenção de cunho global como garantia de espaço para vivos e mortos num processo de secularização das sociedades que cotidianamente convivem na realidade contraditória entre a vida e a morte. Dessa forma o cemitério, que hoje é universal, é mais do que um espaço geográfico para sepultamentos, é também mito memorial e monumental numa “sociedade das marcas exteriores”.

Também no contexto da consolidação dos cemitérios públicos municipais, datado do final do século XIX, é viável rememorar o surgimento da cidade de Camocim-CE, como município politicamente emancipado no final do mesmo século, no ano de 1879. Camocim, antes de ser cidade emancipada, era terra de indígenas que já dava sepultura aos seus mortos

em potes ou urnas funerárias, como chamam. Dessa forma a cidade já nasce com muitos mortos enterrados em sua área geográfica, algo notoriamente óbvio, pois como os mortos são uma realidade em qualquer lugar do planeta terra e em qualquer cultura, não seria diferente nesse espaço de terra.

Quando foi comemorado o primeiro centenário de emancipação política, Camocim tinha um Cemitério municipal chamado popularmente “Novo”, atualmente ainda recebendo sepultamentos, e outro cemitério denominado de “Velho”, com remotas possibilidades de ter sido construído no final do século XIX, totalmente, demolido na década de 1970 do século XX para em seu lugar ser erguido um terminal rodoviário que foi inaugurado pelo nome de José Maria Veras e uma praça que recebeu o nome de Amélia Fontenele Trévia, conhecida como “Praça da saudade”. Há àqueles que preferem o nome Praça Sinhá Trévia como que evocando o triste passado escravista do Brasil, um ranço horrível que parece não querer ser largado por muitos brasileiros.

Portanto, após as considerações expressas neste trabalho até aqui, compreende-se que o já desativado Cemitério Velho de Camocim-CE, na década de 1970, foi completamente, demolido, e hoje, em seu local é a atual rodoviária da cidade que já conta com quase 38 anos sobreposta a uma outra memória da cidade que ficou entregue ao esquecimento por parte de muitos moradores, porém vivo na memória de outros tantos. Entretanto, como o processo de transformação de cemitério para rodoviária é o objeto dessa pesquisa de conclusão de curso acadêmico, o desafio para o capítulo seguinte é resgatar a memória de alguns camocinenses sobre essa transição ocorrida na cidade no findar da década de 1970 do século XX. Para que isso seja possível apresentar-se-á esse resgate através da oralidade, ou seja, de entrevista que serão realizadas com moradores da época e depois relatadas na totalidade ou em trechos, sempre abordadas de forma problematizadas com o intuito de perceber as várias possibilidades que ocasionou a demolição do Cemitério Velho pelo prefeito de Camocim na época.

A princípio, a falta de arquivos municipais sobre o assunto em voga pareceu um empecilho, pois em pesquisa<sup>42</sup> nos livros mais antigos da Câmara Municipal de Camocim-CE a escassez de informações foi quase total, o único registro encontrado foi o seguinte:

Ordem do dia: Foi também, posto em 1ª votação o Projeto de Lei nº 17/78 que trata da abertura de Crédito Especial de Cr\$ 771,400,00 acompanhado do Parecer de igual

---

<sup>42</sup> A Pesquisa aos livros da Câmara Municipal de Camocim-CE ocorreu no segundo semestre do ano de 2015 e foi concluída no início de 2016, autorizada pelo então Presidente da Câmara Municipal de Camocim o Sr. Vereador Antônio Emanuel Vieira.

número e data, da Comissão Permanente de Finanças e Administração que, depois de discutido foi aprovado por maioria, tendo em seguida o Senhor Presidente mandado fosse remetido o referido Projeto de Lei para Comissão de Redação Final afim de dar o seu parecer... (LIVRO DE ATAS DAS SESSÕES ORDINÁRIAS, 1978, p.14).

O registro anterior é da 66ª Sessão Ordinária do 2º período legislativo da 9ª legislatura da Câmara Municipal de Camocim, realizada no dia 06 de abril de 1978. Apesar da aprovação do Crédito Especial no valor de Cr\$ 771, 400,00 (Setecentos e setenta e um mil e quatrocentos cruzeiros) e está registrado em livro que o referido Crédito foi aprovado depois de ser discutido, não houve nenhum orador escrito na referida Sessão da Câmara Municipal e só na 67ª Sessão Ordinária do 2º período legislativo da 9ª legislatura da Câmara Municipal de Camocim realizada, no dia 13 de abril de 1978 é que o Projeto de Lei nº 17/78 é para suprir despesas na construção da rodoviária da cidade, vejamos:

Ordem do dia: Foi posto em discussão e votação o Projeto de Lei nº 17/78, em que o Chefe do Poder Executivo pede autorização para abrir Adicional ao Orçamento Vigente, o Crédito Especial na importância de Cr\$ 771,400,00 para atender as despesas com a construção do terminal rodoviário desta cidade, tendo sido aprovado por maioria absoluta dos membros desta Casa. (LIVRO DE ATAS DAS SESSÕES ORDINÁRIAS, 1978, p.15).

Todavia, foram esses os únicos arquivos relacionados que conseguimos encontrar sobre a construção do Terminal Rodoviário de Camocim-CE, porém, nenhuma citação ao Cemitério Velho e sua demolição pela gestão municipal da época ou pelos vereadores. O que significa, tal silêncio em volta desse assunto? Pela citação anterior, vê-se que, em 1978, a obra de construção do novo espaço já estava em pleno andamento, pois logo no ano seguinte seria a inauguração da rodoviária e da praça nas comemorações do primeiro centenário da cidade.

No próximo capítulo, abordar-se-á, utilizando-nos de entrevistas, as lembranças do Cemitério Velho, sua demolição e se fará rápidas alusões à transformação de sua área geográfica em um novo espaço para os camocinenses vivenciarem outra memória. Como Ana Cortez escreveu em sua dissertação de mestrado: “Assim, o ontem retorna ao presente e, cultuado pela saudade, passa a disputar espaço com o novo num acirrado jogo de poder estabelecido, sobretudo, no campo da memória” (CORTEZ, 2008, p. 211). Disputa essa que não preserva um cemitério como símbolo de memória, há outras memórias que convém aos governantes das Cidades, dos Municípios, dos Estados e das Nações.

### 3 – O FIM DE UM SÍMBOLO DE MEMÓRIA NO FESTEJO DO CENTENÁRIO DE CAMOCIM

Neste capítulo se fará uma abordagem direta a demolição do Cemitério São Francisco, conhecido como “Cemitério Velho”, que ficava localizado entre as Ruas Paissandu, José de Alencar e Alcindo Rocha, praticamente no centro da cidade na década de 1970, que foi demolido para em seu lugar ser construído um terminal rodoviário e uma Praça de lazer, inaugurados e entregues a população camocinense durante os festejos do centenário da cidade, removendo assim um símbolo de memória.

A imagem que segue, mostra o espaço físico que analisaremos, dentro da cidade de Camocim-CE.



IMAGEM 04: Mapa onde era localizado o Cemitério Velho. Hoje praça e rodoviária da cidade. <sup>43</sup>

<sup>43</sup> Google Maps disponível em: <https://www.google.com.br/maps/place/Rua+Alcindo+Rocha,+Camocim+-+CE,+62400-000/@-2.8986613,->

Salientamos que no período da demolição do “Cemitério Velho” para a construção da Praça Sinhá Trévia e do Terminal Rodoviário José Maria Veras, a cidade de Camocim estava passando por um período de mudanças, de novos elementos, de desenvolvimento de infraestrutura, pois como relatou Tobis Monteiro:

Dia 30/9/79, às 8 horas: Concentração na Praça Pinto Martins, com desfile das Escolas Municipais e inauguração solene do busto do aviador Pinto Martins.... Foram inaugurados, também, a Biblioteca Euclides Pinto Martins, o Parque Infantil Dona Luíza Távora, a Estação Rodoviária José Maria Veras, a Praça da Saudade Dona Amélia Fontenele Trévia (Sinhá Trévia), o Centro Social Urbano Dona Hilda Veras Coelho. (MONTEIRO, 1984, p. 124).

Portanto, para uma cidade interiorana em um só dia, inaugurar praça, centro social, parque infantil, busto de personagem ilustre e terminal rodoviário era um verdadeiro “milagre camocinense” isto é, parafraseando a expressão “milagre brasileiro”. Pois durante a década de 1970 “o regime militar não abriu mão da política desenvolvimentista” (NAPOLITANO, 2014, p. 153). Segundo Marcos Napolitano: “Durante o milagre, e mesmo ao longo dos anos de 1970, o mercado da construção era estratégico para absorver o grande contingente de mão de obra desqualificada que migrava do campo para a cidade” (NAPOLITANO, 2014, p. 149). Sendo assim, presume-se que algo similar tenha acontecido no município de Camocim, até porque o gestor da época era filiado ao partido da Direita. Marcos Napolitano vai mais além:

É inegável que, para a imensa maioria da população pouco envolvida com a ideologia revolucionária da esquerda e sem uma opinião política muito clara e coerente, o Brasil vivia tempos gloriosos no começo dos anos de 1970: pleno emprego, consumo farto com créditos a perder de vista, frenesi na bolsa de valores, tricampeão do mundo de futebol. Grandes obras “faraônicas” eram veiculadas pela mídia e pela propaganda oficial como exemplos de que o gigante havia despertado, como a Ponte Rio-Niterói, a Usina de Itaipu e a Rodovia Transamazônica. (NAPOLITANO, 2014, p. 145).

Na citação anterior, o escritor menciona a Ponte Rio-Niterói e a Rodovia Transamazônica, pois as obras em referência favoreceriam o transporte rodoviário de passeio, de passageiros e de cargas. É neste contexto que os moradores de Camocim, na segunda metade da década de 1970, veem a desativação do Ramal da Estrada de Ferro de Sobral-Granja-Camocim, ou seja, o fim do trem. Entretanto, o povo é contemplado no findar da década com a construção e inauguração do seu primeiro e único, até o presente momento,

terminal rodoviário para suprir ou amenizar a perda do trem pelo menos é o que se presume. Mesmo que para isso a municipalidade tenha usado um território que era utilizado para enterrar os mortos, lugar apenas de chegada, para construir a rodoviária um lugar de chegadas e partidas ou vice-versa.

Com a ida sem volta do trem, a gestão municipal empreende a demolição do Cemitério Velho e prepara seu próprio espaço geográfico para o advento da rodoviária de Camocim, isto ocorre no século XX. Porém, no século XVIII, na França, um cemitério foi demolido e em seu lugar foi construído um mercado. Segundo João José Reis, no capítulo três de sua obra *A Morte é Uma Festa*, foi:

Só após uma campanha médica vigorosa – em que não faltaram novos e extraordinários relatos de pessoas morrendo às dezenas por se exporem a “vapores mefíticos” – o governo decidiu agir com determinação. Caso exemplar foi o antigo cemitério parisiense de *Saints Innocents ...Les Innocents* desapareceu às vésperas da Revolução Francesa. (REIS, 1991, p.77 e 78).

Percebe-se pela citação anterior que a justificativa da demolição do antigo cemitério parisiense deu-se por uma questão de saúde “só após uma campanha médica vigorosa”, algo que no século XX já era superado, pois os cemitérios municipais encontravam-se consolidados: “o cemitério – em geral municipal periférico, e em tese secularizado – consolida-se no final do século XIX como local por excelência reservado às relações entre os vivos e os mortos na cidade” (CYMBALISTA, 2002, p.18). Diante desse contexto, presume-se que o deslocamento do Cemitério Velho para praça e rodoviária não tem o fator saúde como justificativa. Por isso, na continuação deste trabalho abordaremos sobre memórias de pessoas que acompanharam esse processo de demolição do cemitério e da construção da rodoviária.

### **3.1 – Memórias sobre o estado de conservação do Cemitério Velho antes de sua demolição**

Pouco se sabe sobre outras memórias de Camocim, pois “a escassa historiografia camocinense, quando trata do município, geralmente elege como principal marco histórico o porto de Camocim e a Estrada de Ferro de Sobral” (SANTOS, NASCIMENTO E PEREIRA, 2013, p.86). Em virtude da escassez de fontes escritas sobre a demolição do “Cemitério Velho”,

convém-nos o uso apropriado da História Oral<sup>44</sup> como forma de resgate das memórias gravadas no imaginário de algumas pessoas da época, que viram, acompanharam ou foram autores diretos da demolição do cemitério e das novas construções que foram erguidas em seu espaço, o que foi esse processo de deslocamento de memória, uma vez que, um cemitério é também lugar de memórias, visto que é uma “reprodução simbólica do universo sociocultural em que estamos inseridos” (NOGUEIRA<sup>45</sup>, 2012, p.81), para a exaltação de outro espaço símbolo.

Portanto, ao fazer uso da história oral o trabalho ganha um novo brilho, pois contará com o fascínio transmitido nos depoimentos dos entrevistados, como diz Verena Alberti:

Uma das principais vantagens da história oral deriva justamente do fascínio do vivido. A experiência histórica do entrevistado torna o passado mais concreto, sendo, por isso, atraente na divulgação do conhecimento. Quando bem aproveitada, a história oral tem, pois, em elevado potencial de ensinamento do passado, porque fascina com a experiência do outro. Esse mérito reforça a responsabilidade e o rigor de quem colhe, interpreta e divulga entrevistas. (ALBERTI, 2004, p.22).

Alberti na citação anterior vê na história oral, pelo viés da experiência histórica do entrevistado, um passado mais concreto que torna atrativa a divulgação do conhecimento. Ela complementa: “uma entrevista de história oral permite reconstituir decursos cotidiano, que geralmente não estão registrados em outro tipo de fonte” (ALBERTI, 2004, p.23). É por via desta metodologia que se concretiza a possibilidade de se conhecer o cemitério São Francisco (Cemitério Velho), inclusive às vésperas de sua demolição, e a história em volta da construção da Praça Sinhá Trévia e do Terminal Rodoviário José Maria Veras.

A falta de arquivos no município sobre a demolição do Cemitério Velho foi um empecilho para o desenvolvimento desta pesquisa, mas, ao mesmo tempo, foi motivação para o uso de entrevistas que possibilitaram uma abordagem de compreensão do processo de

---

<sup>44</sup> A história oral é uma metodologia de pesquisa que consiste em realizar entrevistas gravadas com pessoas que podem testemunhar sobre acontecimentos, conjunturas, instituições, modos de vida ou outros aspectos da história contemporânea. Começou a ser utilizada nos anos 1950, após a invenção do gravador, nos Estados Unidos, na Europa e no México, e desde então difundiu-se bastante. Ganhou também cada vez mais adeptos, ampliando-se o intercâmbio entre os que a praticam: historiadores, antropólogos, cientistas políticos, sociólogos, pedagogos, teóricos da literatura, psicólogos e outros.

No Brasil, a metodologia foi introduzida na década de 1970, quando foi criado o Programa de História Oral do CPDOC. Fonte: FGV CPDOC, disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/acervo/historiaoral> acessado em 23/11/2016.

<sup>45</sup> Renata de Sousa Nogueira é graduada em arquitetura e urbanismo, UFG; Especializada em gestão e preservação do patrimônio cultural das ciências e da saúde, FIOCRUZ; Mestranda em memória social, linha de pesquisa memória e patrimônio, UNIRIO. Autora do artigo Elos da memória: passado e presente, cemitério e sociedade, publicado na Revista de Antropologia Vivência nº 39 nas páginas 81-89 em 2012.

demolição do cemitério. E proporcionou uma visão histórica sobre o antigo cemitério São Francisco, bem como o tempo provável de sua origem, seu estado físico antes da demolição e revelou outras características e aspectos do então abandonado Cemitério Velho.

Começando com as lembranças do entrevistado Aroldo Viana<sup>46</sup>, esta pesquisa mostrará o velho cemitério e o processo de demolição que resultou na construção de um novo espaço em Camocim. O Sr. Aroldo se lembra disto:

O tempo que eu me lembro, que eu alcancei, ele ficava situado ali naquele mesmo quadro onde hoje é a Praça Sinhá Trévia que eles chamam Praça da rodoviária. Então, a frente do cemitério ficava bem no centro da Rua Alcindo Rocha, antigamente o nome dela era 13 de maio, ele tinha uma capela bem no centro e a porta dava bem certinho no meio da Rua, hoje Rua Alcindo Rocha, com a frente para a praia. E era pintado o muro, a cor era azul e formava aquele quadro, justamente, total, ali da Praça da rodoviária.

... que me lembro ele já estava em ruína, já tinha caído uma porta. O povo para passar lá para o outro lado, onde hoje é a rodoviária, o portão caiu, eles fizeram um caminho e quem não tinha medo passava por dentro do cemitério e saía lá na frente para não ter trabalho de arrodar, me lembro disso!

De acordo com as palavras do Sr. Aroldo Viana, já se pode ter o primeiro vislumbre do Cemitério Velho. Ocupava todo o espaço que hoje é a praça, com frente para o litoral e os fundos para o sertão, seu portão principal para a Rua 13 de maio, hoje Alcindo Rocha<sup>47</sup>, muro pintado na cor azul, estava em ruínas, pessoas fizeram um caminho por dentro do cemitério, pois se estava em ruínas é provável que alguma parte do muro nos fundos, estava caída ou tivesse algum buraco que servia para passagem das pessoas que não queriam dá a volta por fora do cemitério. Além desta descrição que ele realizou sobre o cemitério, ele apresenta um fator que é desconhecido por muitos camocinenses hoje, que a Rua Alcindo Rocha antes se chamava de 13 de maio, “assim se explica que de edifícios demolidos, de caminhos desfeitos, deles sobrevivem por muito tempo alguns vestígios materiais, nem que seja apenas o nome tradicional de uma rua” (HALBWACHS, 1990, p. 138).

Para o Sr. Aroldo o ato de passar por dentro do Cemitério Velho, como uma espécie de desvio, de atalho para chegar ao outro lado, caracterizava as pessoas, que faziam esse trajeto, de corajosas como ele disse: “quem não tinha medo passava por dentro do cemitério...”.

<sup>46</sup> José Aroldo Viana, nasceu no mês de setembro de 1945, atualmente é funcionário público municipal, entrevista concedida a José Carlos Monteiro Lopes no dia 21/02/2016.

<sup>47</sup> A Rua Alcindo Rocha antes 13 de maio, segundo Aroldo Viana, é uma das menores ruas no centro comercial de Camocim. Sua extensão é exatamente, como mostrada numa ilustração anterior do Google Masp, do quadro onde era localizado o Cemitério Velho até a avenida beira-mar.



O Sr. Inácio Santos<sup>48</sup> em suas memórias diz:

... porque ele estava desativado, mesmo, muito tempo... era um cemitério muito antigo. A minha mãe, já quando garoto, disse que já era daquele jeito.... Então, ele, se não me engano, data do outro século, do século anterior ao século XX, de 1800...era apenas um cemitério velho, desativado que estava lá, os túmulos, alguns, totalmente destruídos pela corrosão, pela própria... é... erosão da natureza, alguns já estavam, digamos assim: derrubados... as lápides todas já caídas, algumas ainda conservava... aquelas mais bem-feitas, ainda conservava a forma natural, mas a grande maioria, realmente, já estava caído, estava totalmente, deteriorado... as pessoas até nem entravam, evitaram, até porque aquele lugar era ermo... aquela quadra toda ali da praça da rodoviária onde ficava o lugar do cemitério, aquilo ali tudo não tinha casas, era mato, era arrodado de cercas, de quintais de manga [de mangueiras], enfim. E as pessoas até jogavam restos de animais que morriam, jogavam lá dentro, quer dizer, era totalmente, desprezado, digamos assim na palavra, radicalmente falando, era apenas um lugar ermo e até evitado, principalmente à noite, visto que lá não tinha iluminação, não havia iluminação era lugar ermo, escuro e até dadas pessoas tinham medo de passar, algumas por causa que era um cemitério, negócio de superstição, outros, embora na época a cidade fosse bastante calma, mas as pessoas tinham medo por causa até da própria escuridão....o cemitério não tinha mais coveiro, estava desativado... porque ele estava desativado, ninguém enterrava mais lá...

Segundo o depoimento do radialista Inácio Santos, que na época era garoto como ele disse em um trecho de sua entrevista: “na oportunidade nós éramos garotos” se referindo a sua turma “a minha turma, a turma ali da Rua Da Independência”, o cemitério era antigo e sua origem datava do século XIX, porém encontrava-se em estado de abandono, pessoas jogavam restos de animais mortos dentro dele, estava desativado há muito tempo, sua mãe falou quando ele era garoto; era evitado, pois era um lugar deserto, sem coveiro, pois não aconteciam mais enterros nele, sem iluminação, sem casas nas redondezas apenas quintais próximos.

A memória do Inácio Santos se baseia numa história vivida e não aprendida como salienta Maurice Halbwachs: “não é na história aprendida, é na história vivida que se apoia nossa memória” (HALBWACHS, 1990, p. 60). Inácio Santos ainda diz que o cemitério

---

<sup>48</sup> Francisco Inácio dos Santos, nasceu no dia 07 de agosto de 1961, é radialista (atualmente trabalha na Rádio Liberdade 90.3 FM) e escritor, é autor do texto *Cemitério Velho* publicado no jornal alternativo O Literário, volume 2, ed 4ª, dezembro de 1998, p. 04, que é um texto saudosista de sua infância onde com seus amigos faziam suas peripécias. Entrevista concedida a José Carlos Monteiro Lopes no dia 10/08/2015. Eis uma nota do Blog Camocim Pote de História sobre Inácio Santos que diz: Hoje o blog retoma a seção "Escritores de Camocim" com um dos melhores cronistas da cidade, o radialista Inácio Santos. Uma amostra de sua escrita pode ser encontrada nas saudosas páginas de "O Literário", ou enfeixados no seu livro "Flamengas e Boqueirões", título que tive o prazer de sugerir e prontamente aceito por Inácio Santos para minha surpresa. Deliciemos, pois, com as reminiscências de garoto do autor, começando pela crônica "*Cemitério Velho*". Disponível em: <http://camocimpotedehistorias.blogspot.com.br/2011/10/escritores-de-camocim-inacio-santos.html>, acessado em 30/11/2016.

ocupava a quadra que hoje, é a Praça da Saudade, mencionado por ele e pelo Aroldo Viana como Praça da Rodoviária.

O Sr. Neném Lúcio<sup>49</sup> por sua vez lembra:

...“Cemitério Velho” era isso! Que já tinha um e tinha o outro, esse era velho... Depois foi demolido e acabou-se! .... Sei que era o primeiro cemitério. Aliás! Não era o primeiro cemitério, antes desse teve outro ali, naquela esquina, mas isso não é do meu tempo.... Este aí era já velho, que chamava “Cemitério Velho”... o cemitério já não estava funcionando.

O Sr. Neném Lúcio entre os entrevistados sobre a temática deste trabalho é o mais velho em idade e durante seu depoimento constantemente se expressava dizendo: “não sei, não lembro, eu não estou lembrando” ou algo similar, por esse motivo estava acompanhado de um de seus filhos de nome Roberto e que por duas vezes ele disse: “tu lembras, Beto? ”. Assim: “Tudo se passa aparentemente como se a memória tivesse necessidade de se descarregar” (HALBWACHS, 1990, p. 123).

Apesar de sua descrição assemelhar-se as duas falas anteriores o Sr. Neném Lúcio apresenta algo novo na pesquisa, que posteriormente poderá ser investigado, ele cita o Cemitério São José que para época era o novo e estava ativo, como o está ainda hoje, situado na quadra onde compreende as Ruas Da Independência, Joaquim Távora, Da República e João Pessoa, cita também o Cemitério São Francisco (Cemitério Velho) velho e desativado, o que foi demolido, mas se refere a um terceiro cemitério que existia antes do Cemitério Velho quando se expressa “Aliás! Não era o primeiro cemitério, antes desse teve outro ali, naquela esquina, mas isso não é do meu tempo”. Quando ele disse “naquela esquina” apontou para o cruzamento das Ruas Da Independência e Santos Dumont, seu indicador apontou para o lado norte nas esquinas que hoje existe e funciona um colégio particular e a UPA (Unidade de Pronto Atendimento) de Camocim.

Ao fazer menção de outro cemitério, supostamente o primeiro da cidade, ele diz: “mas isso não é do meu tempo”, se o cemitério que foi demolido para em seu território ser construída uma praça e uma rodoviária já data do século XIX, é bem provável que o outro fosse do final século XVIII ou início do século XIX, pois quando da gravação da entrevista

---

<sup>49</sup> Francisco das Chagas Sobrinho aposentado foi vice-prefeito de Camocim (1978-1982) na época da demolição do Cemitério Velho e da construção da rodoviária. Entrevista concedida a José Carlos Monteiro Lopes no dia 28/08/2015.

com o Sr. Neném Lúcio, ele estava às vésperas de completar seus cem anos<sup>50</sup> de vida, isto nos leva para a primeira metade da segunda década do século XX, mais precisamente a 1915. Entretanto, o mais curioso é que existe uma lenda que fala de outro local em Camocim que teria sido um cemitério, antes dos mencionados pelo ex-vice-prefeito, este seria um local de enterro de indígenas, pois:

Diz a lenda que o Hotel Boa Vista Resort<sup>51</sup>, localizado próximo a uma das mais belas praias de Camocim, praia da Barreiras, foi fundado por italianos e tinha tudo para ser um dos maiores empreendimentos de toda a cidade.

O terreno em que ele fica localizado pertencia a uma tribo indígena. Muito tempo depois virou um cemitério, pois muitos índios falecidos haviam sido enterrados lá.

Dizem que, quando os donos do empreendimento descobriram algumas dessas ossadas, quiseram esconder a todo custo essa nova descoberta, negando a notícia, o que poderia interditar as obras. (COLETÂNEA, 2013, p. 26 e 27).

O trabalho consegue, por meio da entrevista com o Sr. Neném Lúcio e o trecho da coletânea *Histórias e Lendas de Camocim*<sup>52</sup> perceber que o Cemitério Velho não foi o único a ser demolido na cidade de Camocim, que no senso comum significa “Pote para enterrar defunto”, que mais parece querer enterrar os cemitérios e com eles sua memória. Portanto, com esta pesquisa abrem-se as possibilidades de outras investigações sobre a destruição de outros cemitérios na cidade, bem como, as verdades que podem estar nas entrelinhas desta obra literária.

Dona Vera Trévia<sup>53</sup>, por sua vez lembra:

Olha, eu lembro uma calçada alta e um muro baixo, já bem danificado. E dentro eu não tinha a menor ideia de como era. Tinha até vontade de saber (sorrisos). .... Quando entrei pela primeira vez no cemitério já... estavam bastante demolidas as sepulturas. Quase nada restava em pé.

<sup>50</sup> O senhor Francisco das Chagas Sobrinho, conhecido na cidade e região por Neném Lúcio, uma das figuras mais ilustres de Camocim, hoje completa 100 anos de vida. Nascido no ano de 1915, filho do casal José Lúcio Feitosa e Francisca Vasconcelos Feitosa.... Esse trecho é matéria postada com o título: Senhor Neném completa 100 anos! Parabéns! Postada no dia 16 de outubro de 2015 no Blog Revista Camocim, disponível em: <http://www.revistacamocim.com/2015/10/senhor-nenem-lucio-completa-100-anos.html>, acessado em 23/11/2016.

<sup>51</sup> A lenda do Boa Vista Resort faz parte da Obra Coletiva *História e Lendas de Camocim*, sua autora Heloísa Barros Martins quando da publicação (2013) cursava o 6º Ano na Escola de Ensino Fundamental Eduardo Normândia de Albuquerque.

<sup>52</sup> *História e Lendas de Camocim* é uma obra coletiva, onde alunos de escolas da rede municipal de Camocim desenvolveram como resultado das Ações do Projeto Nas Ondas da Leitura.

<sup>53</sup> Vera Maria Aguiar Trévia, nasceu no ano de 1945, atualmente é aposentada e neta de Sinhá Trévia o nome que a praça que foi construída no local que era o Cemitério Velho recebeu, segundo ainda Dona Vera, pois é assim que ela é conhecida na cidade, o nome completo de sua avó paterna era Amália Fontenele Trévia confirmando o que está escrito no livro *Camocim Centenário 1879-1979*: “a Praça da Saudade Dona Amélia Fontenele Trévia (Sinhá Trévia) ...” (MONTEIRO, 1984, p. 124). Quando indagada sobre sua avó e o porquê de a praça ter recebido, em memória, o nome dela, ela não quis falar nada. Entrevista concedida a José Carlos Monteiro Lopes em: 08/03/2016.

As lembranças de Dona Vera Trévia não se distanciam das memórias anteriores já relatadas. Ela acrescenta que o muro era baixo, bem danificado e que tinha uma calçada, porém não diz se a calçada era em entorno de todo o cemitério, ou apenas na parte da frente do mesmo. Ao citar que não conhecia o cemitério pelo lado de dentro ela sorriu depois que disse “que tinha até vontade de saber”, quando ela entrou pela primeira vez no espaço o “cemitério já... estava bastante demolida as sepulturas. Quase nada restava em pé”. Presume-se que estava em processo de demolição, pois ela acrescentou:

Um dia, que eu não sei quando foi, meu tio Geovane me falou que ia ao antigo cemitério retirar os restos mortais do pai dele, meu avô Geovane Trévia, e eu disse, pois eu vou com você! Então, numa manhã nós fomos e o coveiro já estava lá, e era para estar mesmo, e identificamos o local e a ossada que restava, que o tempo não destruiu, que havia...

Nas lembranças infantis de Inácio Santos em um momento ele expressou que “o cemitério não tinha mais coveiro, estava desativado”. No entanto, Dona Vera lembra que quando chegou no cemitério com seu tio o coveiro encontrava-se no local esperando por ele. Não seria esse coveiro alguém contratado pelo tio de Dona Vera? Uma vez que muitas sepulturas estavam destruídas e sem manutenção. Dessa forma, nos resta considerar as palavras de Maurice Halbwachs: “À medida que recua no passado, muda, porque algumas impressões se apagam e outras se sobressaem, segundo o ponto de vista de onde a encaramos, isto é, segundo as condições novas onde ela se encontra quando nos voltamos para ela”. (HALBWACHS, 1990, p.74). Inácio volta ao passado quando garoto que brincava e corria dentro do Cemitério Velho e lhe sobressai à impressão de não haver mais coveiro no cemitério desativado. Todavia, Dona Vera volta ao passado quando entrou pela primeira vez no Cemitério Velho e sua impressão foi a do coveiro no local, pois “o coveiro já estava lá, e era para estar mesmo” num ponto de vista que demonstra ser de uma classe social abastarda.

Conforme as memórias do Ex-prefeito Edilson Veras Coelho<sup>54</sup>:

.... Existia uns túmulos, ainda em pé bonitos e tudo..., mas lá, infelizmente, era prejudicial a sociedade de Camocim. E que necessitava mesmo de fazer uma

<sup>54</sup> Edilson Veras Coelho, nasceu no ano de 1930, foi prefeito em Camocim no período de 1978-1982, foi na gestão dele que o Cemitério Velho foi destruído e construída e inaugurada a praça da Saudade e a rodoviária da cidade. Sua profissão agropecuarista. Entrevista concedida a José Carlos Monteiro Lopes em 12/01/2016.

demolição, porque era como eu disse anteriormente, era encontro de casais e de drogadores, que consumiam droga lá dentro.

O Ex-prefeito municipal de Camocim-CE Edilson Coelho, que não fez menção a infraestrutura do Cemitério Velho, apenas citou que alguns túmulos bonitos ainda existiam, apresenta dois novos fatores, encontro de casais e viciados em drogas (denominado por ele como *drogadores*), que segundo suas palavras “era prejudicial a sociedade de Camocim”. Portanto, em suas lembranças, o cemitério estava servindo para local de encontros de casais e para consumo de drogas. É bem possível que sim, pois nas memórias do radialista Inácio Santos “era apenas um lugar ermo e até evitado, principalmente à noite, visto que lá não tinha iluminação, não havia iluminação, era lugar ermo”. Percebe-se que, para uns o Cemitério Velho, no estado em que se encontrava deveria ser evitado, para outros, o local era utilizado à maneira de suas conveniências.

Nas memórias sobre o Cemitério Velho e seu estado de conservação antes de ser destruído, apresentadas até aqui, mostra-nos um pirilampo sobre alguns de seus aspectos, tais como: O Cemitério São Francisco (Cemitério Velho) ficava com sua frente para o litoral, seu portão para a Rua 13 de maio, hoje Rua Alcindo Rocha, era murado e os muros pintados na cor azul, tinha calçada, uma capela, tinha quintais próximos. Não tinha iluminação e não era mais conservado, pois nos dias de sua demolição estava com uma infraestrutura muito deteriorada, sem coveiros e sem enterros, em estado de desativação, em péssimas condições de conservação, por isso era considerado um lugar ermo a ser evitado por muitas pessoas. Apesar de suas precárias condições e de ser considerado um lugar “prejudicial a sociedade de Camocim” pelo Ex-prefeito, servia de caminho para uns e outros usavam como lugar de encontros e de uso de entorpecentes.

De acordo com as memórias narradas até aqui, o Cemitério Velho era muito antigo, velho, em ruínas, desativado, abandonado, entregue as ações do tempo com suas variações climáticas, estava à beira da morte por assim dizer. Portanto, presume-se que ele estava precisando de uma reforma urgente e radical para ressuscitar e se tornar um novo cemitério, mas ninguém o levou para uma UTI (Unidade de Tratamento Intensivo) como meio de recuperá-lo de uma morte anunciada.

### **3.2 – A morte do cemitério velho e a reação do povo**

Pelo que anteriormente foi registrado neste trabalho, fruto da pesquisa feita, o mandato do Sr. Edilson Veras Coelho e do Sr. Francisco das Chagas Sobrinho, popular Neném Lúcio, como respectivamente prefeito e vice-prefeito de Camocim-CE, ocorreu no período de 1978-1982. E levando também em consideração o registro da 67ª Sessão Ordinária do 2º período legislativo da 9ª legislatura da Câmara Municipal de Camocim, realizada no dia 13 de abril de 1978, é que o Projeto de Lei nº 17/78 que deveria suprir com despesas na construção da rodoviária da cidade é posto em discussão e votação:

Ordem do dia: Foi posto em discussão e votação o Projeto de Lei nº 17/78, em que o Chefe do Poder Executivo pede autorização para abrir Adicional ao Orçamento Vigente, o Crédito Especial na importância de Cr\$ 771,400,00 para atender as despesas com a construção do terminal rodoviário desta cidade, tendo sido aprovado por maioria absoluta dos membros desta Casa. (LIVRO DE ATAS DAS SESSÕES ORDINÁRIAS, 1978, p.15).

Portanto, a demolição do Cemitério Velho, metaforicamente decretando sua morte, ocorreu no primeiro ano da gestão (1978) Edilson Coelho e Neném Lúcio, um ano após a desativação do trem que ocorreu “em 1977, chegou a vez do ramal que, também, se tornou deficitário e a RFFSA houve por bem mandar desativá-lo” (MONTEIRO, 1984, p.73). Sendo assim, tinha o povo conhecimento desse empreendimento? A sociedade havia sido consultada? E qual a reação do povo diante da demolição, remoção e transferência do Cemitério Velho que estava como morto e prestes a ser sepultado (demolido) por determinação do poder público municipal?

Segundo relato do então prefeito Edilson Veras Coelho:

Houve apenas um problema de Artur Queirós e Dr. Xerez um movimento dizendo que impetrariam um mandato de segurança, mas, mesmo assim, com essas ameaças e em benefício do povo de Camocim eu comecei a demolir o cemitério. Tanto que tinha um túmulo da minha tia Amélia que meu pai pediu para que ficasse em embelezamento da praça. Acontece (risadas) que quando o pedido chegou a demolição já tinha sido feita (muitas risadas) .... Meu pai era o Alfredo Othon Coelho.... Não, porque já tinham demolido (mais risadas). Chegou atrasado o pedido, chegou atrasado!

Nas lembranças do ex-prefeito, a demolição do Cemitério Velho, feita por ele, como ele mesmo disse “eu comecei a demolir o cemitério”, deu-se sob ameaças de um movimento

que tinha Artur Queirós<sup>55</sup> e Dr. Xerez<sup>56</sup> à frente que impetrariam um mandato de segurança. Algo que não germinou, pois, o Sr. Edilson afirmou “mesmo assim, com essas ameaças e em benefício do povo de Camocim eu comecei a demolir o cemitério”, suas palavras demonstraram segurança. O ex-prefeito, ao lembrar-se de um pedido de seu pai, Alfredo Othon Coelho, para que conservasse o túmulo de sua tia Amélia “em embelezamento da praça”, ele sorriu e em seguida, sorriu mais ainda, ao dizer “que quando o pedido chegou a demolição já tinha sido feita”, o pedido de seu pai chegou atrasado. Caso esse túmulo não tivesse sido também destruído como foram os demais ali existentes, seria, hoje, um túmulo como monumento<sup>57</sup> em plena praça, ou um símbolo da estratificação social da época.

Inácio Santos se recorda que a única pessoa que ele e seus colegas de infância viram no Cemitério Velho, por ocasião da demolição, foi:

...A única pessoa que vimos lá que eu posso lhe dar como testemunha, isso até no próprio dia em que é, estava antes da demolição foi o Senhor Alfredo Coelho, Coronel Alfredo Coelho estava lá em um túmulo e nós nos achegamos, eu me lembro perfeitamente... Ele era... ele de paletó, como sempre andava, característica dele, aquele paletó preto, chapéu.

A única que nós vimos, que eu particularmente vi e lembro, foi essa que eu citei do Coronel Alfredo Coelho, isto é, no mesmo dia em que a máquina ia passar, quer dizer ele chegou, nós chegamos antes e ele estava, então os operários lá fora aguardando, lá fora que eu digo é a máquina lá na Rua, esperando para trabalhar e ele veio com esse pessoal, que eu não sei se era coveiro, ou uma pessoa dele, que ele era coronel, ele tinha muitos empregados...

Na memória viva do Inácio Santos, a pessoa que ele menciona é o pai do ex-prefeito Edilson Coelho, ou seja, o Cel. Alfredo Coelho como era conhecido da população camocinense. Pelas características apresentadas por Inácio Santos em relação ao homem visto no cemitério e seu comportamento, identificado como sendo o Cel. Alfredo Coelho, vê-se ainda na segunda metade da década de 1970 do século XX, resquícios do coronelismo. Inácio,

<sup>55</sup> Meus caros leitores, é com pesar que este blog noticia a morte de Artur Carneiro de Queirós, o Seu Artur Queirós. Memorialista, Historiador e autodidata, que viveu e contou a história de Camocim como poucos... Seu Artur ocupava a cadeira Nº 10 da Academia Camocinense de letras. Sendo autor de dois livros: "*Recordações Camocinenses e Outras Memórias*" e "*E a Vida Continua...*". Fonte: Camocim Online, disponível em: <http://www.camocimonline.com/2011/04/historia-de-luto-morre-em-camocim-o.html>, acessado em: 28/11/2016.

<sup>56</sup> Não foi possível encontrar algo de concreto sobre Dr. Xerez citado pelo ex-prefeito Edilson Coelho. O mais provável, segundo informações colhidas por Márcio Siebra Lopes, é que Dr. Francisco Edson Xerez Martins é a pessoa citada pelo ex-prefeito, porém, segundo as informações colhidas no final de 2016, Dr. Xerez não morava em Camocim no tempo da demolição do Cemitério Velho.

<sup>57</sup> Para Michel Vovelle “A cidade dos mortos emite toda uma simbologia, figurativa ou não, uma arquitetura e uma estatuária, mas quais se refletem os novos afetos familiares e uma consciência diversa da imortalidade, a mesma cuja versão cívica se expõe nos monumentos das praças públicas e dos grandes memoriais” (VOVELLE, 1997, p. 29).

mesmo em suas memórias se reportando aos colegas de infância no episódio em que viu o Cel. Alfredo Coelho no Cemitério Velho, ele diz: “a única que nós vimos e que eu particularmente vi e lembro”. “Consideremos agora a memória individual. Ela não está inteiramente isolada e fechada” (HALBWACHS, 1990, p.54), foi o que deu para verificar na fala anterior do Inácio Santos, ao mesmo tempo uma memória coletiva ou social e uma individual ou privada.

Enquanto o ex-prefeito cita apenas uma ameaça de um movimento que impetraria um mandato de segurança para impedir a demolição do cemitério, Aroldo Viana acrescenta:

Rapaz, o povo de Camocim é, eles queimaram ruim, eles não gostaram, não! Não, a história que o povo comentava, era que eles não acharam bom a remoção do cemitério. O povo não gostou, na época todo mundo queria conservar aquilo ali e o prefeito não atendeu o pedido de ninguém e está aí... está construída a rodoviária.

Segundo as lembranças do Aroldo Viana, o povo não gostou da remoção do cemitério e havia como um desejo de conservar o cemitério, mas o prefeito “não atendeu ao pedido de ninguém” se bem que na fala risonha do prefeito, anteriormente, ele relata que não foi possível atender um pedido de seu próprio pai e alegou o motivo, porém silenciou acerca de algum pedido por parte da população para não executar a demolição do cemitério. Aroldo ainda disse: “o povo comentava era que eles não acharam boa a remoção do cemitério. O povo não gostou”. Portanto, o comentário que o Aroldo Viana teve conhecimento foi de insatisfação do povo quanto à remoção do Cemitério Velho.

Quando na entrevista, o ex-vice-prefeito teve que responder qual foi a reação do povo em relação ao deslocamento do cemitério, para, em seu território, ser construído um terminal rodoviário e uma praça, ele disse: “Ah, não sei! Eu sei que eles disseram quem tinham consultado, e eles tinham concordado [Roberto – que Camocim precisava de uma rodoviária]; É! Era para fazer a rodoviária e eles concordaram”. Em sua fala, acrescentada pela intervenção de seu filho Roberto, Sr. Neném Lúcio se utiliza de sujeito simples para argumentar que o povo não discordou da remoção do cemitério, pois “era para fazer a rodoviária”, apesar de num primeiro momento ele dizer “Ah, não sei! ”. Aqui se faz necessário considerar as palavras de Maurice Halbwachs: “a lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente, e, além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora se manifestou já bem alterada” (HALBWACHS, 1990, p.71).



Entretanto, as duas mulheres que concederam entrevistas em relação a reação do povo quanto a demolição e transferência do Cemitério Velho, falaram: “Não sei se houve, não tomei conhecimento de nada, não lembro! De comentários, não lembro de nada”, essas foram as palavras de Dona Vera Trévia. Já a aposentada Anita Elias<sup>58</sup> falou: “assim, porque o Cemitério Velho tinha muitos familiares de muitas pessoas que eram sepultadas lá, como já falei. Então muita gente, é ... aquilo foi doloroso para todos que tinham seus familiares lá. Então, mas como foi destruído a gente tinha que aceitar”.

Segundo a Senhora Vera Trévia, não há registro nenhum em sua memória sobre movimentos contrários a demolição do cemitério ou mesmo comentários sobre tal. Todavia, Anita lembrou que havia muitas pessoas sepultadas no então Cemitério Velho e em seguida ela disse: “então muita gente, é ...” depois de se expressar sobre muita gente, ela fez uma breve pausa e com os olhos lacrimejantes completou dizendo ter sido muito doloroso aquela demolição para todos que tinham ali familiares sepultados, mas logo com o tom da voz baixando a rematou: “mas como foi destruído a gente tinha que aceitar” numa expressão de conformismo.

Após as lembranças, escritas anteriormente, sobre a reação do povo camocinense quanto a demolição do Cemitério Velho, de acordo com as afirmações de Edilson Coelho, Neném Lúcio, Aroldo Viana, Vera Trévia e Anita Elias e levando em consideração o ano de 1978 como o ano da destruição, remoção e começo da construção da Praça Sinhá Trévia e do Terminal Rodoviário José Maria Veras, essas pessoas na época tinham respectivamente 48 anos, 63 anos, 33 anos, 33 anos e 33 anos de idade. Então, o que pode ser revelado através das lembranças de alguém (Inácio Santos) que tinha apenas 9 anos de vida naqueles dias. Em *A Memória Coletiva* seu autor contribui com as palavras seguintes: “... A vida da criança mergulha mais do que se imagina nos meios sociais através dos quais entre em contato com um passado mais ou menos distante, e que é como que o quadro dentro do qual são guardadas as suas lembranças mais pessoais” (HALBWACHS, 1990, p.71).

Conforme a citação anterior, a vida da criança dá um mergulho inimaginável nos meios sociais, sendo assim, Inácio Santos relembra:

---

<sup>58</sup> Anita Elias de Oliveira, nasceu no dia 25 de maio de 1945, atualmente é aposentada, tem pouco mais de 71 anos de idade, é moradora antiga da cidade. Entrevista concedida a José Carlos Monteiro Lopes em 21 de fevereiro de 2016.

Não! Veja bem, nós, quando garotos naquela época, não tínhamos serviço de rádio, não tínhamos as informações que se têm hoje<sup>59</sup>, e outra coisa, naquela época, garotos, meninos a gente não se atinha a esse tipo de coisa. Quer dizer, a gente vivia o nosso mundo, era um outro mundo, era um mundo assim, mais inocente.... Ninguém sabia nós fomos pegos de surpresa mesmo. Quando nós fomos saber que o cemitério ia ser demolido, a gente veio saber praticamente no mesmo dia, porque aquela história um menino saiu dizendo para outros: “chegou lá uma máquina está lá, vão derrubar o cemitério”, foi que a gente correu.... Mas depois, é claro, nós soubemos, isso informação depois do garoto, que houve a prefeitura da época, o prefeito da época... isso aí é uma lei! Fez um edital, um edital se não me engano é 90 dias, 60 ou 90 dias, que a lei diz.

Nas lembranças do Inácio Santos, ele conta que nos dias de sua infância não havia “as informações que se têm hoje”, que eles viviam em outro mundo, num mundo “mais inocente”, mas que foram “pegos de surpresa”, “praticamente no mesmo dia”, o dia que começaria as obras de demolição. A informação chegou até ele via um garoto que saiu contando ter visto uma máquina no local e que o cemitério seria derrubado. O estranho, porém, é ele mencionar uma documentação que durante a pesquisa para desenvolver este trabalho acadêmico não foi encontrada e nem mencionada da maneira como ele citou, pois ele falou em edital e prazo de cumprimento. Como um garoto de nove anos que não disponha de informações rápidas e eficientes como hoje, veio ter esse conhecimento. Estaria ele utilizando seus conhecimentos de hoje, e os aplicando nas memórias de seu passado recente.

Portanto, nas considerações deste tópico, vê-se que houve um misto de informações acerca da reação do povo sobre a demolição do Cemitério Velho, ora percebe-se uma visão como que oficial, ora uma versão mais informal, mais popular, e ora mais emotiva. Para o prefeito da época, houve apenas uma ameaça que partiu de homens que levantariam um movimento e impetraria um mandato de segurança contra a remoção do cemitério, algo que não prosperou. O vice-prefeito apenas disse que o povo foi consultado e aceitou porque era para construção da rodoviária. Anita viu como algo doloroso, mas não havia o que fazer, somente aceitar o que já estava feito. Dona Vera não ouviu e nem lembra se ocorreu alguma manifestação contra as obras no espaço do cemitério.

O então garoto Inácio Santos percebeu a escassez de informação, sabendo por outro garoto no mesmo dia que começaria as obras de demolição do cemitério. Apesar de o Inácio citar, posteriormente um edital, informando a população e dando prazo, possivelmente para remoção das ossadas ali enterradas, porém suas palavras ficam sujeitas a questionamentos.

---

<sup>59</sup> Na entrevista ele completou: “Hoje, qualquer garoto está sabendo de tudo e etc. e tal por causa da informação, da globalização, do telefone, do celular, a gente não tinha nada disso, a gente não tinha nem rádio, certo! ”.

Todavia é nas memórias do Aroldo Viana que se encontra uma reação de não aceitação por parte do povo, pois ele disse que o povo achou ruim, não gostou e havia um desejo de conservação do espaço já existente. Entretanto, as atitudes diante da demolição do Cemitério Velho foram mais de aceitação do que de rejeição. Se “o local de sepultura era um aspecto importante da identidade do morto” (REIS, 1991, p.190), logo fica a reflexões se a comunidade queria romper com esse símbolo de identidade, ou apenas olvidar esse símbolo de memória que se caso não tivesse sido derrubado estaria de pé no centro da cidade.

Nas interpretações do processo de desmontagem, derrubada e demolição total do Cemitério Velho, que se encontrava desativado e abandonado pelas autoridades competentes da época, foi uma espécie de “tiro de misericórdia” para acelerar o seu fim como território ou dormitório dos mortos. Percebe-se também que o Cemitério Velho em ruínas era usado como visto anteriormente, como local de brincadeiras da “turma de garotos da Rua Da Independência” a turma do Inácio, como caminho de atalho, para namoros e uso de drogas, mas o já falecido cemitério não teve nenhum defensor que o defendesse da destruição total. Mas utilizando-se de João José Reis fica a provocação: “Mas qual o motivo exato de matá-lo simbolicamente?” (REIS, 1991, p.166).

### **3.3 – Praça e Rodoviária: túmulo do falecido cemitério velho**

No tópico anterior deste capítulo, percebeu-se que, o Cemitério Velho de Camocim chegou, no apagar dos anos de 1970 do século passado em um estado abrangente de decadência e com uma aparência antiestética em virtude do abandono em que se encontrava. Em consonância com o contexto visto anteriormente, o antigo cemitério simbolicamente morreu, quando se consumou sua demolição plena, levando-o ao desaparecimento do cenário geográfico da “Rainha do Mar” sem nenhuma manifestação intensiva por parte do povo em defesa da permanência e conservação do cemitério, assim tombou o Cemitério Velho e em seu espaço territorial foi levantado uma praça e uma rodoviária.

A praça que foi construída onde ficava o Cemitério Velho recebeu oficialmente o nome de “Praça da Saudade Dona Amélia Fontenele Trévia (Sinhá Trévia)” (MONTEIRO, 1984, p. 124). Porém, como anteriormente disse Aroldo Viana: “hoje é a Praça Sinhá Trévia que eles chamam Praça da Rodoviária”. Ao ser chamada e conhecida atualmente como “Praça da Rodoviária”, o camocinense pôs resistência ao nome Sinhá por ser uma “forma com que os

escravos designavam a senhora, a patroa”<sup>60</sup>, ou apenas para consolidar o novo espaço como terminal não mais de morte, mas agora, de transportes de passageiros entre cidades e estados da federação. Como foi escrito em *Histórias e Lendas de Camocim*:

Em tempos antigos, na cidade de Camocim, dizem os antigos moradores que, no local onde hoje é a atual rodoviária, existia um velho cemitério, que fora desativado para ser construído um ponto em que chegassem e saíssem pessoas alegres, tagarelas, com expectativas de mais de uma viagem, bem diferente do antigo lugar. (COLETÂNEA, 2013, p. 12).

Portanto, o ponto de chegada e de saída de “pessoas alegres, tagarelas, com expectativas de mais de uma viagem, bem diferente do antigo lugar” é o Terminal Rodoviário José Maria Veras. Lembrando que “quando se pensou em criar estações rodoviárias, o estado do Rio Grande do Sul foi pioneiro no incentivo<sup>61</sup>”. A cidade de Camocim recebe as obras da rodoviária quando em meados da década de 1970 o porto, o trem e o Cemitério Velho estão em declínios e desativados.

Uma vez que, não mais existe o Cemitério Velho, mas a rodoviária e a “Praça da Saudade”, Inácio Santos diz:

Veja bem! É claro que foi! Claro que foi porque era inconcebível, que hoje, 2015, na época em que estamos vivendo agora, que ali ainda tivesse encrustado um cemitério, até porque a cidade cresceu. Hoje, você vê que a nossa cidade está enorme em comparação com aquele tempo.... Então, seria totalmente, é, absurdo que ele existisse.... Então, o lugar, lá está hoje, a praça, o terminal rodoviário. Tem uma praça, têm vários comércios, têm sorveterias.... Enfim, tem toda uma infraestrutura que está beneficiando a cidade. Então, eu acho que, a mudança foi benéfica e necessária.

Se houver uma comparação do artigo *Cemitério Velho*, publicado no *Literário*, e posteriormente postado em um blog local, de autoria do Inácio Santos, com sua fala anterior, onde ele acha que a mudança de cemitério para rodoviária foi benéfica para o povo camocinense, pois “era inconcebível, que hoje, 2015 [ano que ele concedeu sua entrevista ao autor deste trabalho], na época em que estamos vivendo agora, que ali ainda tivesse encrustado um cemitério”. Porém, contraditoriamente, ele finaliza o referido artigo, de “reminiscências

<sup>60</sup> Sinhá: s.f forma com que os escravos designavam a senhora, a patroa. Dicio-Dicionário Online de Português, disponível em: <https://www.dicio.com.br/sinha/>, acessado em 02/12/2016.

<sup>61</sup> Blog do Mestre disponível em: <http://www.oblogdomestre.com.br/2014/04/aprimeirarodoviariadobrasil.curiosidades.html>, acessado em 02/02/2016.

saudosas de uma época de outrora que o tempo, em sua marcha inexorável, levou” (LITERÁRIO, 1998), com as seguintes palavras: “Esse mesmo tempo só não pode apagar da minha memória a saudade que sinto de ti, querido Cemitério Velho” (LITERÁRIO, 1998).

Parece que aqui temos dois Inácios diferentes, um é escritor literário emocional, saudosista, onde “esse mesmo tempo só não pode apagar da minha memória a saudade que sinto de ti, querido Cemitério Velho” e um outro Inácio, mais racional, como se estivesse superado “a saudade que sinto de ti, querido Cemitério Velho”, onde também apaga de sua memória o apego “ao querido Cemitério Velho” e se apega ao progresso de infraestrutura que a cidade recebeu como benefício que trouxe a redefinição do espaço do cemitério que Camocim presenciou no final dos anos de 1970.

Quanto a versão de Aroldo Viana sobre a transformação do Cemitério Velho para uma praça e uma rodoviária, ele ponderou:

... E aquele cemitério ali não ficava muito... foi bom, foi de bom proveito ter feito aquilo ali, e até emendou a Rua, a Rua Paissandu que o cemitério cortava a Rua Paissandu bem no meio, era, lembra?  
 Foi! Porque ficou um centro ali de reunião do povo. E tirou aquele cemitério do meio que atrapalhava até a passagem das pessoas, atrapalhava o acesso.  
 Foi, foi muito bom! Um local muito central na cidade, a cidade cresceu, então... o cemitério tem que ser bem longe da zona urbana... cemitério é para ser longe mesmo de casa. Agora, aqueles cemitérios que hoje, nas grandes capitais são conservados é porque o povo tem condições e o cemitério ficou um marco ali, ninguém tira, ninguém mexe, como no Rio de Janeiro, São Paulo.

Portanto, Aroldo Viana em suas ponderações anteriores não demonstrou nenhum apego ou saudade do Cemitério Velho. Ele entende como algo bom ter tirado o cemitério do centro da cidade, pois “até emendou a Rua Paissandu que o cemitério cortava” e virou “um centro ali de reunião do povo”, onde antes o cemitério “atrapalhava até a passagem das pessoas, atrapalhava o acesso”. É bem verdade que anteriormente Aroldo tinha lembrado que o cemitério abandonado e desativado servia de caminho de atalho para algumas pessoas “corajosas”.

Em seu entendimento, cemitério deve ser na zona rural bem longe das casas, da urbe. Porém, cita que em algumas capitais ainda existe a presença de cemitérios no centro urbano, pois se “são conservados é porque o povo tem condições e o cemitério ficou um marco ali, ninguém tira, ninguém mexe”, fazendo até menção de Rio de Janeiro e São Paulo.

Utilizando-se de uma expressão do Aroldo Viana é “de bom proveito” ressaltar aqui, que na cidade de Sobral-CE, localizada a uma distância de 125 km<sup>62</sup> de Camocim, ainda nos dias atuais, mantém bem no centro da cidade um cemitério<sup>63</sup>. E Sobral não é nenhuma capital, é apenas um município que preservou um cemitério no centro urbano. Não foi possível prever se o Aroldo desconhece o Cemitério São João no centro de Sobral, ou o ignorou, ou se tendo tal conhecimento não lembrou na ocasião de sua entrevista.

Quando Aroldo Viana falou que “o cemitério tem que ser bem longe da zona urbana”, ele fala com base na falta de conservação que faltava ao Cemitério Velho, pois os que hoje permanecem nos centros de grandes cidades são conservados porque o povo tem condições. Todavia, o historiador João José Reis salienta que:

Para os médicos, a localização ideal dos cemitérios seria fora da cidade, longe de fontes d'água, em terrenos altos e arejados, onde os ventos não soprassem sobre a cidade. As grandes aglomerações urbanas da época, como Salvador e Rio de Janeiro, deviam ter mais de um cemitério, cujas imediações não se fizessem casas residenciais. (REIS, 1991, p.260).

É importante lembrar que o historiador João José Reis tem como objeto de pesquisa, em seu livro *A morte é uma festa*, uma revolta popular que ficou conhecida como Cemiterada, que ocorreu na cidade de Salvador em 1836, quando o Brasil estava em seu período regencial (1831-1840). Porém, nesse contexto, a justificativa para a localização de cemitérios ser fora da cidade era a preocupação com a saúde. A fala do Aroldo encontra-se em um contexto em que os cemitérios com localização urbana já está consolidada e não é mais vista como risco para a saúde da comunidade ao redor.

Em momentos da fala da aposentada Anita Elias, ela disse:

Era assim deserto mesmo, deserto. O lugar era deserto e não tinha nem assim um local... a gente vinha... é, pelo beco... eu não sei como é que dar o nome daquela Rua “do Senhor Neném Lúcio” que vem... Pronto, pela Alcindo Rocha, porque não tinha mais saída que o portão era de frente para lá... Foi! Foi porque o cemitério era no centro da cidade, como nós sabemos. No centro da cidade! Então hoje, melhorou muito porque era o centro mesmo de... já ia começar as drogas que a gente tinha até medo de passar, porque hoje, tem casa boa, tem comércio, tem tudo, e antes disso era casebre.

<sup>62</sup> A distância em linha reta entre Sobral e Camocim (ambas no Ceará) é de 101.83 Km, mas a distância de condução é 125 Km. DistanciaCidades.com disponível em: <http://br.distanciacidades.com/distancia-de-sobral-a-camocim>, acessado em: 05/12/2016.

<sup>63</sup> ... próximo ao cemitério São João Batista, que se localiza no centro da cidade de Sobral. Blog Sinhá Sabóia disponível em: <http://bairrosinhasaboia.blogspot.com.br/2013/11/sobral-ce-acidente-proximo-ao-cemiterio.html>, acessado em: 05/12/2016.

As lembranças e a fala da aposentada Anita, ora se harmonizam com Inácio, com Aroldo e até certo ponto com Edilson Coelho quando ela diz que o local era deserto, que o portão dava com frente para a Rua Alcindo Rocha e que já estava começando o uso de drogas. Seu entendimento também é direcionado para a localização em que o Cemitério Velho se encontrava, no centro da cidade. Ela considera ganho a infraestrutura atual, pois “antes disso era casebre”.

Mesmo que, em algum ponto exista semelhança entre as memórias dos entrevistados neste trabalho, “a lembrança é uma imagem engajada em outras imagens” (HALBWACHS, 1990, p. 72), pois segundo Maurice Halbwachs é “impossível que duas pessoas que viram o mesmo fato, quando o narram algum tempo depois, o reproduzam com traços idênticos” (HALBWACHS, 1990, p. 74), não o são totalmente idênticos.

A convicção de Vera Trévia, sobre a metamorfose do Cemitério Velho foi expressa da seguinte maneira: “Sim, claro! Porque foi substituído por uma rodoviária que precisava. E uma praça, que por sinal levou o nome da minha avó paterna Sinhá Trévia”. Nas suas considerações, Camocim precisava de uma rodoviária. E com a substituição do cemitério, a cidade ganhou a rodoviária e ainda uma praça que tem o nome de sua avó paterna.

Por entre as lembranças e convicções do Sr. Neném Lúcio encontra-se o seguinte:

É porque era a praça que tinha para a rodoviária, o Cemitério Velho já estava praticamente terminado... não estava sepultando ninguém nele... não tinha mais... não estava funcionando nada, era só túmulos.

Foi! Nós não tínhamos uma rodoviária, ouviu? E o lugar que existia era esse, o cemitério já não estava funcionando. Eu acho... que foi certo!

Na lembrança do Sr. Neném Lúcio, o Cemitério Velho já estava terminado, pois não acontecia mais sepultamentos nele, só havia os túmulos e era o espaço que tinha para a construção da rodoviária. Quando ele expressou que a mudança de um espaço simbólico para a construção de uma praça e terminal rodoviário foi certo, ele deu risadas. As risadas seriam consolidando o advento da rodoviária em Camocim, ou “então, é da própria lembrança em si mesma, é em torno dela, que vemos brilhar de alguma forma sua significação histórica” (HALBWACHS, 1990, p. 63).

Entretanto, em conformidade com a expressão anterior do Sr. Neném Lúcio quando disse: “O Cemitério Velho já estava praticamente terminado”, é de presumir-se mais uma vez

que o antigo cemitério, cujo portão era direcionado para a praia, estava terminado, ou seja, morto, sendo depois sepultado pela construção da praça e da rodoviária.

No entanto, o Sr. Neném, às vésperas do seu centenário, não lembrou se foi no primeiro centenário de Camocim que foram realizadas as festas de inauguração da Rodoviária e da Praça da Saudade. Eis as suas palavras: “Também não me lembro se foi nesse período. É como eu lhe disse: Hoje, a minha memória está ruim (risos), vai tudo embora... é... ficou pouca coisa (risos)”. Ele deixa entender que não resta em sua memória quase nada, pois “ficou pouca coisa”.

De acordo com as palavras do Sr. Neném Lúcio, no parágrafo anterior, é como se ele quisesse que “a memória tivesse necessidade de se descarregar”<sup>64</sup>, mas na obra *A memória coletiva*, o autor entende que: “Mas porque imaginar que todas as antigas lembranças estão lá, arrumadas, segundo a ordem mesma em que se sucederam como se nos aguardassem!” (HALBWACHS, 1990, p. 120). É como se o autor estivesse dizendo que por mais que as lembranças não estejam arrumadas, elas não foram embora por completo. Porém, não se pode negar que “a seletividade e o esquecimento estão presentes no processo da memória” (FREITAS, 2002, p. 37).

Ao examinar com mais atenção as lembranças e convicções do Ex-prefeito Edilson Veras Coelho, ele nos relatou que:

Teria sim! É eu teria escolhido outro local, mas o ideal naquela época, porque a rodoviária ficou no centro da cidade, se ficou no centro da cidade beneficiou toda habitação Camocinense.

É, porque me diga uma coisa, como é que um cemitério num centro da cidade, que se tivesse bem conservado e tudo isso, não tivesse esse problema de encontro de casais, de maconheiros essas coisas todinhas, drogador e tudo. Só fez uma coisa para Camocim, esquecer o passado e lembrar o que Camocim ganhou, uma rodoviária e uma praça.

O Ex-prefeito Edilson Coelho afirmou que se tivesse acontecido algo que o impedisse de construir a rodoviária no local do Cemitério Velho, ele teria procurado outra área da cidade para a localização e construção do terminal rodoviário, mas para ele, o melhor local era onde estava o velho e morto cemitério, em virtude de seu estado de conservação e de seu uso para encontros de casais e de usuários de drogas. No seu entendimento, a população da cidade ganhou, pois a rodoviária ficou no centro da cidade, obviamente local onde não deveria estar um cemitério.

<sup>64</sup> *A memória coletiva* (HALBWACHS, 1990, p. 123).



Entre os depoimentos colhidos somente o da Sr. <sup>a</sup> Anita Elias é que também faz menção a questão das drogas. Em certo momento de sua entrevista ela disse: “... Já ia começando as drogas que a gente tinha até medo de passar”. Ela concluiu a frase com uma forte risada. Sua risada seria pelo “medo de passar” pelo cemitério, ou ela, já nos dias atuais de sua vida, ver como “comum” o consumo de drogas, algo não tão comum para a época.

O Ex-prefeito alega a falta de conservação do Cemitério Velho como um dos motivos para seu aniquilamento total. Todavia, nesta pesquisa não foi, lamentavelmente, possível identificar os responsáveis pelo abandono do antigo cemitério. Também, não foi possível constatar se houve ou não intencionalidade no abandono total do cemitério, para que ele morresse de maneira tão desprezada. Entretanto, com base nos depoimentos colhidos para esta pesquisa, ficam as evidências que houve intencionalidade no abandono geral do Cemitério Velho, pois a cidade de Camocim cresceu e o velho cemitério do século XIX estava ocupando uma área central da cidade em plena década de 1970 do século XX, onde no findar dessa década, a cidade completaria seu primeiro centenário.

Em conformidade com o contexto exposto anteriormente sobre a localização do Cemitério Velho ter sido o melhor espaço para a construção da rodoviária com uma praça em Camocim por motivo da centralidade em que se encontrava, é possível entender que as evidências não mostram o Cemitério Velho invadindo o centro urbano, mas pelo contrário o centro urbano invadindo o antigo cemitério. Porém, o Cemitério Velho foi punido com a morte para não permanecer no centro da cidade.

Não se pode olvidar a memória de que, “com a criação dos cemitérios, os pobres foram os primeiros a utilizá-los, e, apesar de já existirem em muitos estados brasileiros leis que proibiam o sepultamento dentro das igrejas, os corpos dos ricos continuaram a ser enterrados no interior dos templos religiosos” (VERAS, 2015, p. 158). Apesar de tentarem justificar que o cemitério estava no centro de Camocim e que ali seria o melhor local para a rodoviária, fica evidente também que o Cemitério Velho era ocupado pelos mortos pobres em sua total maioria. Por isso, pode-se dizer, hipoteticamente, que corpos de muitos escravos ou escravos alforriados, de estivadores foram ali sepultados e até mesmos de trabalhadores braçais da estrada de ferro.

A base para as possibilidades de o Cemitério Velho ter sido um cemitério de pobres vai em duas vertentes. Primeira, somente Sr. Edilson falou de um túmulo de uma tia sua que seu pai queria que permanecesse para “embelezar a praça”, depois, Dona Vera cita do seu tio

fazendo o traslado das ossadas de seu avô, que ela na entrevista confirmou ser o esposo de sua avó, cujo nome dela é o da praça, para o outro cemitério existente na cidade. Verdade também que, o Inácio Santos em suas memórias lembra-se de ter visto o pai do prefeito da época realizando o traslado de uma ossada de alguém próximo a ele, possivelmente os restos mortais da tia do Sr. Edilson Coelho.

Entretanto, nas memórias de sua infância brincando no Cemitério Velho, o radialista e escritor Inácio Santos escreveu:

Ali era nosso terreno. Conhecíamos cada passo, cada túmulo, cada catacumba, eles eram nossos parceiros e confidentes. Tinha aquela toda de mármore preto e branco com um epitáfio de letras douradas e foto em alto-relevo. Pertencia a um General – não lembro o nome – data de mil e oitocentos e qualquer coisa. Nós olhávamos com admiração – general, mármore, luxo, riqueza – muitas vezes até evitávamos apedrejá-la, pois era a nossa preferida. (LITERÁRIO, 1998).

Quando do seu depoimento para o autor deste trabalho, Inácio Santos falou dessa sepultura foi “porque era um túmulo diferente dos outros, porque era todo de mármore... a gente achava aquele túmulo especial”. Portanto, para Inácio, esse túmulo era diferenciado dos demais porque remetia a figuras de “general, mármore, luxo, riqueza”. Lana Veras acrescenta: “a diferenciação econômica nos cemitérios indicava a distinção social dos parentes vivos” (VERAS, 2015, p. 160). As palavras do Inácio Santos são uma base bem concreta para sustentar as evidências de que o Cemitério Velho era um cemitério de pobres.

A segunda vertente é exatamente a localização do velho cemitério que se tornou incômoda para permanecer no centro da cidade, pois se fosse um cemitério que abrigassem mortos de várias classes sociais, não teria sido abandonado, pelo contrário, teria sido conservado e possivelmente estivesse ainda em pé, pois sua variação econômica seria verificada dentro dos muros somente. Segundo Lana Veras “quando os cemitérios passaram a ser utilizados para sepultamento de mortos de todas as faixas econômicas, a diferenciação dentro deles também passou a existir. A distinção do morto poderia ser presumida pelo espaço destinado a ele e a ornamentação de seu túmulo” (VERAS, 2015, p. 160).

O Ex-prefeito Edilson Coelho, num ar de simplicidade, disse que resta ao povo esquecer o passado e focar naquilo que a cidade ganhou. Entretanto, a preocupação do Ex-prefeito “parece ser a de criar um passado a partir de um jogo de forças entre memórias para garantir a superioridade” (CORTEZ, 2008, p. 54) do seu empreendimento na cidade. No entanto, esquecer a demolição do cemitério e focar a memória para a construção e inauguração

da rodoviária e da praça não seria esquecer também a desativação do trem e do porto ocorridos numa mesma época.

O que Dona Anita Elias guarda em sua memória é bastante interessante:

Bom, todas às vezes que eu passo em cima daquela pracinha, que eu coloco meus pés ali, eu penso assim: quantos túmulos eu não estou passando, talvez, até em cima dos corpos dos meus avós... que já se foram... aí eu fico assim... depois que eu passo, eu fico olhando para pracinha. Eu digo: Ah meu Deus! Hoje, quem foi o cemitério, e hoje quem é a praça. Então é assim, já que acabou tudo, a gente tem que tirar também da memória, mas sempre quando passo a lembrança fica.

Fica evidente que Anita abriga dentro de si mesma um conflito que disputa entre conformar-se com o novo espaço ou manter vivo em suas lembranças, o que antes existia ali, um cemitério, lugar onde seus avós estavam sepultados. Para ela, “já que acabou tudo, a gente tem que tirar também da memória, mas sempre quando passo a lembrança fica”, a lembrança passada permanece com Anita, pois “nós não percebemos que não somos senão um eco”<sup>65</sup> a reproduzir o que está armazenado na memória.

Não esquecendo que memória é algo inerente ao ser humano, “convém lembrar que sendo a memória uma faculdade do ser humano, ela não é imune a conflitos, contradições e frustrações, percebidos nas falas” (FREITAS, 2002, p. 82), sendo assim, o conflito verificado na fala da aposentada Anita encontra-se dentro de certa normalidade.

Levando em ampla consideração, quando a Anita Elias deixou transparecer que se sente receosa ao passar por cima da praça da rodoviária, pois passaria sobre muitos mortos que ali haviam sido sepultados quando ainda o cemitério existia e estava ativado, recebendo enterros, corrobora que a Praça da Saudade Sinhá Trévia e o Terminal Rodoviário José Maria Veras são hoje, o túmulo do falecido Cemitério Velho.

Entretanto, para o prefeito da época, o que deve ser feito pelo povo de Camocim é esquecer o cemitério como símbolo de memória, pois como escreveu Renata de Sousa Nogueira, cemitérios são “tanto memórias individuais quantas memórias coletivas têm nesses lugares um importante marco referencial para a sua construção, ainda que isso não seja condição para sua preservação” (VIVÊNCIA, 2012, p. 83), algo que parece ter ocorrido com a transformação do velho cemitério. Dessa forma, o Ex-prefeito quer enaltecer uma memória sobreposta “lembrar que Camocim ganhou uma Rodoviária e uma Praça”, que foram inaugurados durante as comemorações do centenário da cidade.

<sup>65</sup> *A memória coletiva* (HALBWACHS, 1990, p. 47).

Contudo, como a memória das comemorações do primeiro centenário da cidade não apagou por completo a existência do Cemitério Velho que foi demolido para ceder espaço para novos empreendimentos na cidade, pois seus vestígios ainda falam pelas memórias aqui registradas. Conclui-se que a epígrafe na lápide do Cemitério Velho seria mais ou menos nesse teor: Aqui, sob o Terminal Rodoviário José Maria Veras e sob a Praça da Saudade Sinhá Trévia, jaz o Cemitério São Francisco, popularmente conhecido por Cemitério Velho. Sua edificação data do século XIX. Morreu em total abandono por parte da municipalidade, porque em seu espaço a maioria dos mortos enterrados eram pobres. E como sua localização foi engolida pelo centro da cidade, ele se tornou um incômodo para as elites local. Sua morte e sepultamento se deu em 1978 com sua geral demolição.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Aqui se chega às considerações finais deste trabalho, porém o assunto abordado só começou a aparecer na historiografia de Camocim-CE, como a ponta de um iceberg que tem profundidade e bases não vistas acima das águas geladas.

Realizar este trabalho foi desafiador em virtude da falta de arquivos municipais sobre o Cemitério Velho e sua demolição para em seu espaço ser construída a Praça da Saudade e a Rodoviária. Tive a oportunidade de pesquisar os livros dos arquivos da Câmara Municipal de Camocim, mas infelizmente a decepção foi grande por não encontrar praticamente nada,

apenas uma referência no livro de Atas das Sessões Ordinárias de 1978, onde o Poder Executivo solicita uma abertura especial de crédito para a construção do terminal rodoviário.

Pensei que haveria uma intensa discussão entre os vereadores da época sobre o estado em que se encontrava o cemitério e a possibilidade de restaurá-lo e preservá-lo como símbolo de memória dos que ali eram sepultados. Que discutissem se o espaço do cemitério era o mais viável para a construção da rodoviária, mas lamentavelmente não há registro de nenhum debate entre os edis sobre a demolição do Cemitério Velho e sobre as novas construções que foram erguidas em seu local. Halbwachs diz que “com efeito, não nos esqueçamos sobre isto. Certamente, é inevitável que as transformações de uma cidade e a simples demolição de uma casa incomodem alguns indivíduos em seus hábitos, perturbem-nos e os desconsertem... (HALBWACHS, 1990, p. 137).

Portanto, na citação anterior, o autor ressalta que fica na memória as transformações de uma cidade mesmo que seja de uma casa. Nesse pressuposto, muito mais fica no imaginário das pessoas a transformação de um cemitério com sua carga simbólica de memória sobre a memória dos mortos sepultados em tal espaço. Algo que não foi levado em consideração pelos vereadores da época. Até parece que eles não respeitaram a memória dos mortos sepultados no Cemitério Velho e nem a memória dos habitantes de Camocim.

Todavia, a Câmara de vereadores silenciou-se a esse respeito como um cadáver sem memória. Porém, o tempo não silenciou a memória das pessoas sobre o antigo cemitério demolido, pois “em primeiro lugar o tempo não se escoia: ele dura, subsiste, é necessária, do contrário, como a memória poderia percorrer o curso do tempo? ” (HALBWACHS, 1990, p. 128).

Contudo, tal desafio foi vencido, porque a história é riquíssima em possibilidades, inclusive quando se trata de fontes históricas. Foi a partir de então, que se pensou, apropriadamente, de se fazer uso da história oral como um meio viável de suprir a falta dos arquivos. Sabendo que a jornada seria difícil, assim mesmo aceitamos o desafio.

Após a frustração por falta de arquivos no município sobre sua própria história e de se tomar o caminho da oralidade, veio o que seria uma fonte escrita e que levaria a uma fonte oral: o texto Cemitério Velho de autoria do Inácio Santos. Fui a sua procura para lhe solicitar uma entrevista sobre o Cemitério Velho, algo que ele alegremente atendeu de pronto, tanto é que em extensão de minutos, seu depoimento é o maior.

Depois de entrevistar Inácio Santos, conseguimos acesso ao Senhor Neném Lúcio e aconteceu que uma entrevista acabava, de forma indireta, indicando outras pessoas que poderiam ser entrevistadas. Algumas deram certo, outras não, mas todas as pessoas que aceitaram ser entrevistadas foram muito receptivas e colaborativas. Alguns entrevistados, eu só conhecia de ouvir falar, mas mesmo assim não hesitaram em nos receber, primeiramente de forma amistosa, para depois cederem o depoimento necessário para a construção dessa memória aqui registrada.

Outra frustração se deu pelo fato de criarmos uma expectativa de encontrar entorno da demolição do Cemitério Velho, algum movimento contestatório a sua destruição total para depois construir a rodoviária. Entretanto, o que deu para perceber na fala dos entrevistados é que houve certa aceitação, por parte deles e da população, da mudança de espaço mesmo tendo em suas memórias o velho espaço. Inclusive, foi verificado em conversas amistosas com alguns populares da época, que a rodoviária, a grande novidade para aquele tempo, recebeu o pseudônimo de *rodovisagem*, num sentido de assombração.

Nesse contexto é que a obra coletiva *Histórias e lendas de Camocim* apresenta o texto A dama da rodoviária que diz: “Se, à meia-noite, ao viajar, alguém encontrar uma senhora pálida, elegante e de sorriso assustador, pode ter encontrado uma defunta, mais conhecida como a “Dama da Rodoviária”!” (COLETÂNEA, 2013, p. 12). Nenhum dos entrevistados se referiu as lendas ou crendices entorno da rodoviária, surgidas após a efetivação do novo espaço. Pelo contrário, eles entendem que a transformação do espaço foi benéfica para a cidade de Camocim.

Também se verificou em conversas paralelas que não somente a rodoviária foi a grande novidade da cidade naqueles idos, mas a Praça da Saudade que é hoje, conhecida mais popularmente como Praça da Rodoviária, se tornou o centro de encontro dos jovens e casais naquele tempo, principalmente nas noites de sábados e domingos, porque ali se concentrou algumas áreas de entretenimentos como danceterias, clubes e sorveterias. Alguns desses locais permaneceram por muito tempo.

Entretanto, o grande achado “arqueológico das escavações” que esse trabalho realizou no Cemitério Velho, via as lembranças dos entrevistados, foi o motivo da localização do velho cemitério do século XIX estar incrustada no que se tornou o centro da cidade de Camocim.

Daí foi possível presumir que a maioria dos mortos que lá jaziam eram das camadas mais pobres da sociedade camocinense. Pensar que houve desassossego nas escavações das ossadas para ser levadas para o outro cemitério da cidade não foi mencionado pela maioria dos entrevistados. Somente os ex-gestores da época é que deram uma versão fria e oficial relatando que tudo aconteceu com o apoio da prefeitura.

Porém, o que se viu foi um túmulo de um general citado nas memórias do radialista Inácio Santos, o ex-prefeito citando seu pai com a preocupação com um túmulo de uma tia sua e Vera Trévia assistindo seu tio removendo as ossadas de seu avô para o jazigo da família no outro cemitério que estava ativado. Portanto, ao colocar a rodoviária e a praça de cabeça para baixo, o que ficará do lado de cima será o Cemitério Velho com as ossadas que ali ainda jaz.

As impressões que ficam pelo viés dos depoimentos colhidos é que o cemitério não poderia ficar no centro de Camocim, mas não foi o Cemitério Velho que se apossou do coração da cidade, pelo contrário, ele foi tragado pelo centro que avançou em sua direção. E o que mais contou para sua permanência ou sua demolição foi o que estava por trás dos seus muros, um sepulcrário de pobres e bem possíveis excluídos da sociedade.

Dessa forma, entende-se que, se a maioria dos enterrados no antigo cemitério fossem defuntos ricos, senhores da elite camocinense, não teriam sido removidos, mas possivelmente conservado e preservado até hoje, século XXI da era cristã. Todavia, ninguém pode apagar da “memória coletiva” que ali sob a Rodoviária e a Praça, jaz o cadáver do Cemitério Velho e que sua memória não ficou enterrada pelas memórias dos festejos do centenário de Camocim.

## REFERÊNCIAS

### LIVROS

ALENCAR, José. *Iracema*, São Paulo, SP: Ciranda Cultural Editora e Distribuidora LTDA, 2009, p. 30.

ALBERTI, Verena. *Ouvir contar: texto em história oral*, Rio de Janeiro, RJ: FGV, 2004. p. 39.

BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*, São Paulo, SP: Ateliê Editorial, 2003, p.17.

BÍBLIA DE Estudo Almeida: Tradução João Ferreira de Almeida. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999. p. 712.

BRASIL, Código de Trânsito Brasileiro e Legislação Complementar: - Brasília: Departamento Nacional de Trânsito, 2005. p. 83 e 87.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. *A Cidade: repensando a geografia*, 8ª ed, São Paulo, SP: Contexto, 2008. p.13.

COELHO, Cecília Pinto, *Brasilião, mas chamem de Brasil*. Revista Veja: Brasília 50 Anos. Edição Especial, São Paulo, SP: Abril, 2009. p. 178 e 179.

CYMBALISTA, Renato. *Cidade dos Vivos: arquitetura e atitude perante a morte nos cemitérios do Estado de São Paulo*, 1ª ed, São Paulo, SP: Annablume: Fapesp, 2002. p. 20.

FREITAS, Sônia Maria de, *História Oral: possibilidades e procedimentos*, São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP: Imprensa Oficial do Estado, 2002, p. 37 e 82.

GONH, Maria da Glória, *Histórias dos movimentos e lutas sociais – A construção da cidadania dos Brasileiros*. 3ª ed, São Paulo, SP: Loyola, 2003, p.103 e 115.

HALBWCHS, Maurice, *A memória coletiva*. São Paulo, SP: Revista dos Tribunais LTDA, 1990, p.14, 51, 53, 54, 55, 60, 63, 71, 72, 74, 120, 123, 146, 137 e 138.

NAPOLITANO, Marcos, *1964: História do Regime Militar Brasileiro*, São Paulo: Contexto, 2014, p. 145,149 e 153.

NOGUEIRA, Renata de Sousa, *Elos da memória: passado e presente, cemitério e sociedade*. Vivência – Revista de antropologia. Nº 39, 2012. p. 83.



NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Proj. História. São Paulo, n° 10, dez. 1993.

MONTEIRO, Tóbis Melo, *Camocim Centenário 1879-1979*, 1ªed, Fortaleza. CE: Imprensa Oficial do Ceará, 1984, p.7, 15, 66, 73, 74, 75, 119 e 124

OBRA COLETIVA – Alunos de escolas da rede municipal de Camocim, *Histórias e Lendas de Camocim*, Fortaleza, CE: Imeph, 2013, p. 12, 26 e 27.

PESAVENTO, Sandra Jatahy, *Cidade visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias*. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 27, n° 53, p. 22, 2007.

REIS, Daniel Aarão, *O Sol sem peneira*. Revista de história da biblioteca nacional, Rio de Janeiro, RJ: Ano 7, agosto de 2012. p. 34.

REIS, João José: *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*, São Paulo, SP: Cia. Das Letras, 1991. p.77,78, 166, 186, 190 e 260.

SACCONI, Luiz Antonio, *Minidicionário Sacconi da língua portuguesa*, ed 9ª, São Paulo, SP: Saraiva S.A., 2001, 469.

SANTOS, Carlos Augusto Pereira dos, *A Casa do Povo: História do Legislativo Camocinense*. Sobral, CE: Sobral Gráfica e Editora LTDA, 2008, p. 13, 70, 48, 184, 185 e 186.

SANTOS, Carlos Augusto Pereira dos, NASCIMENTO, Carlos Manuel e PEREIRA, Francisco Rocha, *Sobre Camocim: política, Trabalho e Cotidiano*, Sobral, CE: Edições Universitárias UVA, 2013, p. 86, 90, 94, 95 e 96.

VERAS, Lana, *Aqui se jaz, aqui se paga: a mercantilização da morte, do morrer e do luto*. Curitiba-PR: Appis, 2015, p. 158, 159 e 160.

WHITE, Ellen G, O grande conflito: entre Cristo e Satanás. Ed 36<sup>a</sup>, Tatuí,SP: Casa Publicadora Brasileira, 1988, p. 539.

## DISSERTAÇÕES E TESES

CORTEZ, Ana Isabel Ribeiro Parente. Memórias descarrilhadas: o trem na cidade do Crato. 2008. Dissertação (mestrado) Universidade Federal do Ceará – UFC, Fortaleza, 2008.

SILVA, Josenias dos Santos. Parnaíba e o avesso da belle époque: cotidiano e pobreza (1930-1950). 2012. Dissertação (mestrado) Universidade Federal do Piauí – UFPI, Teresina, 2012.

## FONTES

### 1.1 Periódicos

O Literário, volume 2, ed 4<sup>a</sup>, dezembro de 1998, p. 04.

### 1.2 Documentos

Livro de Atas das Sessões Ordinárias: Câmara Municipal de Camocim-CE, 10º Livro, 1979, p. 14 e 15.

### 1.3 Meio Eletrônico

Amazônia de A a Z, disponível em: <http://www.portalamazonia.com.br/amazoniadeaz/interna.php?id=114>, (acessado em 21/11/2016)

Google.com, disponível em: <https://www.google.com.br/maps/place/Camocim+-+CE/@-2.9580733,-40.840011,11.23z/data=!4m2!3m1!1s0x7ebdbb76cdfc0d:0x70684f6ac2a2689><sup>a</sup> (acessado em 18/10/2015)

População, disponível em: [http://populacao.net.br/qual-cidade-e-maior-camocim\\_ce\\_ou\\_fortaleza\\_ce.html](http://populacao.net.br/qual-cidade-e-maior-camocim_ce_ou_fortaleza_ce.html); (acessado em 19/10/2015)

Blog Professor Marciano, disponível em: [http://professormarcianodantas.blogspot.com.br/2011/10/populacao-das-cidades-do-ceara\\_14.html](http://professormarcianodantas.blogspot.com.br/2011/10/populacao-das-cidades-do-ceara_14.html); (acessado em 19/19/2015)

Google.com, disponível em:  
[https://www.google.com.br/?gws\\_rd=cr&ei=W6wFVpOnKMH6wQTfxZigBg#q=distancia+d+e+fortaleza+para+camocim+ce](https://www.google.com.br/?gws_rd=cr&ei=W6wFVpOnKMH6wQTfxZigBg#q=distancia+d+e+fortaleza+para+camocim+ce), (acessado em 25/09/2015)

Google.com, disponível em:  
[https://www.google.com.br/?gws\\_rd=cr&ei=W6wFVpOnKMH6wQTfxZigBg#q=distancia+d+e+camocim+ce+para+parnaiba-pi](https://www.google.com.br/?gws_rd=cr&ei=W6wFVpOnKMH6wQTfxZigBg#q=distancia+d+e+camocim+ce+para+parnaiba-pi) (acessado dia 25/09/2015)

Blog Camocim Pote de Histórias – Disponível em:  
<http://camocimpotedehistorias.blogspot.com.br/>: (acessado em 29/10/2015).

Blog Camocim Pote de Histórias – Disponível em:  
<http://camocimpotedehistorias.blogspot.com.br/2011/02/historia-do-pote.html>: (acessado em 15/02/2016).

Blog Camocim Online, disponível em: <http://www.camocimonline.com/2011/04/historia-de-luto-morre-em-camocim-o.html> (acessado em 28/11/2016).

Bolg Sinhá Sabóia, disponível em, <http://bairrosinhasaboia.blogspot.com.br/2013/11/sobral-ce-acidente-proximo-ao-cemiterio.html>, (acessado em 05/12/2016).

CPDOC – Disponível em:  
[http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/biografias/virgilio\\_tavora](http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/biografias/virgilio_tavora) (acessado em 14/06/2016).

Dicio-Dicionário Online de Português – Disponível em: <https://www.dicio.com.br/sinha/>, (acessado em 02/12/2016).

DistanciaCidades.com – Disponível em: <http://br.distanciacidades.com/distancia-de-sobral-a-camocim>, (acessado em: 05/12/2016).

FVC CPDOC – Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/acervo/historiaoral> (acessado em 23/11/2016).

Lista de Governadores do Ceará – Disponível em:  
[http://www.wikiwand.com/pt/Lista\\_de\\_governadores\\_do\\_Cear%C3%A1](http://www.wikiwand.com/pt/Lista_de_governadores_do_Cear%C3%A1) (acessado em 14/06/2016)

Letras – Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/hinos-de-cidades/943206/>: (acessado em 15/02/2016).

Letras.com, disponível em: <http://www.lettras.com.br/#!/gonzaguinha/eterno-aprendiz>, acessado em: 28/04/2016.

Revista Camocim, disponível em: <http://www.revistacamocim.com/search?updated-max=2015-10-07T07:10:00-03:00&max-results=30&start=120&by-date=false>: (acessado em 1º/11/2015).

Diário do Nordeste, disponível em: <http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/regional/historia-dos-portos-no-ceara-1.306982> (acessado em 1ª/02/2016).

Dicionário Criativo, disponível em: <http://dicionariocriativo.com.br/significado/dormit%C3%B3rio>, (acessado em 21/04/2016).

Dicionário Informal, disponível em: <http://www.dicionarioinformal.com.br/campo-santo/>, acessado em 27/04/2016.

O Povo Online, disponível em: <http://www.opovo.com.br/app/colunas/anamiranda/2013/03/09/noticiasanamiranda,3018832/a-grande-seca-de-1877.shtml> (acessado em 1ª/02/2016).

Brasil Escola, disponível em: <http://brasilecola.uol.com.br/geografia/rodovias.htm> (acessado em 02/02/2016).

O Blog do Mestre, disponível em: <http://www.oblogdomestre.com.br/2014/04/aprimeirarodoviariadobrasil.curiosidades.html> (acessado em 02/02/2016).

Origem da Palavra, disponível em: <http://origemdapalavra.com.br/site/palavras/cemiterio/> (acessado em 21/04/2016).

Guia do Estudante, disponível em: <http://guiadoestudante.abril.com.br/aventuras-historia/obras-infraestrutura-ditadura-militar-brasil-estao-maiores-seculo-20-781081.shtml> (acessado em 06/07/2016).

Google Masp, disponível em:  
<https://www.google.com.br/maps/place/Rua+Alcindo+Rocha,+Camocim+-+CE,+62400-000/@-2.8986613,-40.8452627,17z/data=!3m1!4b1!4m5!3m4!1s0x7ebdbd6b0946077:0x9ec0f984e296a2b9!8m2!3d-2.8986613!4d-40.843074>, acessado em: 30/11/2016.

# ANEXOS

AA

Ata da 66ª Sessão Ordinária do 2º período legislativo da 9ª legislatura da Câmara Municipal de Cauacem realizada, no dia 6 de abril de 1978.

Às 10 horas do dia 6 de abril de 1978, compareceram ao Edifício da Câmara Municipal de Cauacem os seguintes vereadores: Raimundo Pereira Neto, Jocunda Barrozo Veras, José Carlos Vasconcelos, Jaime Lourenço da Silva, Jonas Marques da Silveira, José Oliveira Veras, Ronaldo Torres de Sá e Beneditos, Adroaldo Martins Moura, Jonas Pereira Veras e, Antonio Minguiera Braga. Não compareceu a menhora vereadora Francisca das Chagas de Oliveira. Havendo número legal, o Senhor Presidente declarou aberta a sessão, mandando que, o Senhor Secretário lesse a ata da sessão anterior que, depois de lida disvenida, foi aprovada por maioria. Expediente - Foi lido o Projeto de Lei nº 16/78 que trata da doação de um imóvel a União Espírita Cearense, com o respectivo Parecer da Comissão de Redação Geral e também o Projeto de Lei nº 17/78 que trata da abertura de Crédito Adicional Especial no valor de Cr\$ 7.400,00 para atender as despesas com a construção do Cemitério Rodoviário, nesta cidade, acompanhado do Parecer da Comissão Permanente de Finanças e Administração desta Câmara. Ordens - Não houve. Ordem do dia - Foi submetido a segunda discussão e votação o Projeto de Lei nº 16/78 que trata da doação de um imóvel a União Espírita Cearense, acompanhado do Parecer da Comissão Permanente de

~~ATA~~

...ção por unanimidade. Foi, também, posto  
na 1ª votação o Projeto de Lei nº 14/78 que  
trata da abertura de Crédito Especial de Cr\$ 1.400,00  
comparado do Parecer de igual número e data, da Comis-  
são Permanente de Finanças e Administração que, depois  
dissentida foi aprovado por maioria, tendo em segui-  
da o Senhor Presidente mandado fosse reenviado referi-  
do Projeto de Lei para Comissão de Redação Geral aflu-  
da para seu parecer. Não havendo nada a tratar, o  
Presidente convocou uma sessão para o dia 6 do  
próximo mês, e mandou que fosse lavrada a presente ata  
depois de lida dissentida foi aprovada pelos mem-  
bros da mesa diretora.

Aty  
~~ATA~~  
H. B. L. S.  
Lana



TERMO DE CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO ORAL

CEDENTE: FRANCISCO INACIO DOS SANTOS, nacionalidade BRASILEIRO, profissão RADIALISTA, RG 9700351890, emitida pelo(a) SSP-CE, CPF 137592882-20, domiciliado(a) e residente à GENERAL TRIBUNAL 1168, CEP 62400, na cidade de CAMOCIM, no Estado do CEARA.


CESSIONÁRIO: José Carlos Monteiro Lopes, residente e domiciliado à Rua Dr. João Thomé, nº 820, bairro Centro, CEP 62400-000, na cidade de Camocim, no Estado do Ceará.

OBJETO: Entrevista gravada exclusivamente para elaboração da monografia a ser apresentada na Universidade Estadual do Piauí – UESPI/ Campus de Parnaíba, sob a orientação da Profª Drª Mary Angélica Costa Tourinho, sob o título “Lugares sobrepostos na memória de Camocim-CE: de cemitério a rodoviária”.

DO USO: Declaro ceder à pesquisa referente à monografia “Lugares sobrepostos na memória de Camocim-CE: de cemitério a rodoviária”, sem quaisquer restrições quanto aos seus direitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais de depoimento de caráter histórico e documental que prestei ao entrevistador José Carlos Monteiro Lopes, para a pesquisa acima, sob sua responsabilidade, da UESPI, campus de Parnaíba em 10/08/2015, num total de 38min 55s minutos/horas gravados.

O aluno José Carlos Monteiro Lopes, através da monografia “Lugares sobrepostos na memória de Camocim-CE: de cemitério a rodoviária”, fica conseqüentemente autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, o mencionado depoimento, no todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir o acesso ao mesmo para fins idênticos, segundo suas normas, com a única ressalva de sua integridade e indicação de fonte e autor.

Camocim, 23 de DEZEMBRO de 2015.

  
Assinatura do depoente/cedente

TERMO DE CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO ORAL

CEDENTE: FRANCISCO DAS CHAGAS SOBRINHO, nacionalidade BRASILEIRA, profissão APOSENTADO, RG 92.835 2ª VIA, emitida pelo(a) SSP/CE, CPF 035.952.453-91, domiciliado(a) e residente à RUA: SANTOS DOMONT Nº 557, CEP 62400-000, na cidade de CAMOCIM, no Estado do CEARA.

CESSIONÁRIO: José Carlos Monteiro Lopes, residente e domiciliado à Rua Dr. João Thomé, nº 820, bairro Centro, CEP 62400-000, na cidade de Camocim, no Estado do Ceará.

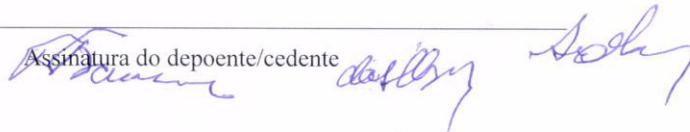
OBJETO: Entrevista gravada exclusivamente para elaboração da monografia a ser apresentada na Universidade Estadual do Piauí – UESPI/ Campus de Parnaíba, sob a orientação da Profª Drª Mary Angélica Costa Tourinho, sob o título “Lugares sobrepostos na memória de Camocim-CE: de cemitério a rodoviária”.

DO USO: Declaro ceder à pesquisa referente à monografia “Lugares sobrepostos na memória de Camocim-CE: de cemitério a rodoviária”, sem quaisquer restrições quanto aos seus direitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais de depoimento de caráter histórico e documental que prestei ao entrevistador José Carlos Monteiro Lopes, para a pesquisa acima, sob sua responsabilidade, da UESPI, campus de Parnaíba em 28/08/2015, num total de 30m35s minutos/horas gravados.

O aluno José Carlos Monteiro Lopes, através da monografia “Lugares sobrepostos na memória de Camocim-CE: de cemitério a rodoviária”, fica conseqüentemente autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, o mencionado depoimento, no todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir o acesso ao mesmo para fins idênticos, segundo suas normas, com a única ressalva de sua integridade e indicação de fonte e autor.

Camocim, 29 de DEZEMBRO de 2015.

Assinatura do depoente/cedente



TERMO DE CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO ORAL

CEDENTE: EDILSON VERAS COELHO, nacionalidade BRASILEIRA, profissão AGROPECUARISTA, RG 65149, emitida pelo(a) SSP/CE, CPF 005 752 323-15, domiciliado(a) e residente à ENGENHEIRO PRIVAT, CEP 62.400-000, na cidade de CAMOCIM, no Estado do CEARÁ.

CESSIONÁRIO: José Carlos Monteiro Lopes, residente e domiciliado à Rua Dr. João Thomé, nº 820, bairro Centro, CEP 62400-000, na cidade de Camocim, no Estado do Ceará.

OBJETO: Entrevista gravada exclusivamente para elaboração da monografia a ser apresentada na Universidade Estadual do Piauí – UESPI/ Campus de Parnaíba, sob a orientação da Profª Drª Mary Angélica Costa Tourinho, sob o título “Lugares sobrepostos na memória de Camocim-CE: de cemitério a rodoviária”.

DO USO: Declaro ceder à pesquisa referente à monografia “Lugares sobrepostos na memória de Camocim-CE: de cemitério a rodoviária”, sem quaisquer restrições quanto aos seus direitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais de depoimento de caráter histórico e documental que prestei ao entrevistador José Carlos Monteiro Lopes, para a pesquisa acima, sob sua responsabilidade, da UESPI, campus de Parnaíba em 12/01/2016, num total de 0741/36 minutos/horas gravados.

O aluno José Carlos Monteiro Lopes, através da monografia “Lugares sobrepostos na memória de Camocim-CE: de cemitério a rodoviária”, fica conseqüentemente autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, o mencionado depoimento, no todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir o acesso ao mesmo para fins idênticos, segundo suas normas, com a única ressalva de sua integridade e indicação de fonte e autor.

Camocim, 12 de JANEIRO de 2016.



Assinatura do depoente/cedente

TERMO DE CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO ORAL

CEDENTE: JOSÉ AROLDO VIANA, nacionalidade BRASILEIRA, profissão FUN. PÚBLICO, RG 214.570 RTP, emitida pelo(a) SECRETARIA DE SEGURANÇA PÚBLICA, CPF 043395253-01, domiciliado(a) e residente à RUA GENERAL SAMPAYO Nº 74 - CENTRO, CEP 62400-000, na cidade de CAMOCIM, no Estado do CEARÁ.

CESSIONÁRIO: José Carlos Monteiro Lopes, residente e domiciliado à Rua Dr. João Thomé, nº 820, bairro Centro, CEP 62400-000, na cidade de Camocim, no Estado do Ceará.

OBJETO: Entrevista gravada exclusivamente para elaboração da monografia a ser apresentada na Universidade Estadual do Piauí – UESPI/ Campus de Parnaíba, sob a orientação da Profª Drª Mary Angélica Costa Tourinho, sob o título “*Lugares sobrepostos na memória de Camocim-CE: de cemitério a rodoviária*”.

DO USO: Declaro ceder à pesquisa referente a monografia “*Lugares sobrepostos na memória de Camocim-CE: de cemitério a rodoviária*”, sem quaisquer restrições quanto aos seus direitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais de depoimento de caráter histórico e documental que prestei ao entrevistador José Carlos Monteiro Lopes, para a pesquisa acima, sob sua responsabilidade, da UESPI, campus de Parnaíba em 21 / 02 / 2016, num total de 8min46s minutos/horas gravados.

O aluno José Carlos Monteiro Lopes, através da monografia “*Lugares sobrepostos na memória de Camocim-CE: de cemitério a rodoviária*”, fica conseqüentemente autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, o mencionado depoimento, no todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir o acesso ao mesmo para fins idênticos, segundo suas normas, com a única ressalva de sua integridade e indicação de fonte e autor.

Camocim, 21 de FEBREIRO de 2016.

  
Assinatura do depoente/cedente

TERMO DE CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO ORAL

CEDENTE: ANITA ELIAS DE OLIVEIRA, nacionalidade BRASILEIRA, profissão APOSENTADA, RG 92002066590, emitida pelo(a) SECRETARIA DE SEGURANÇA PÚBLICA, CPF 18816475334, domiciliado(a) e residente à RUA: SANTOS DUMONT Nº 911 - BRASÍLIA, CEP 62400-000, na cidade de CAMOCIM, no Estado do CEARA.

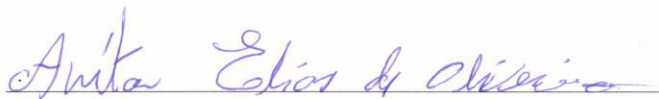
CESSIONÁRIO: José Carlos Monteiro Lopes, residente e domiciliado à Rua Dr. João Thomé, nº 820, bairro Centro, CEP 62400-000, na cidade de Camocim, no Estado do Ceará.

OBJETO: Entrevista gravada exclusivamente para elaboração da monografia a ser apresentada na Universidade Estadual do Piauí – UESPI/ Campus de Parnaíba, sob a orientação da Profª Drª Mary Angélica Costa Tourinho, sob o título “*Lugares sobrepostos na memória de Camocim-CE: de cemitério a rodoviária*”.

DO USO: Declaro ceder à pesquisa referente a monografia “*Lugares sobrepostos na memória de Camocim-CE: de cemitério a rodoviária*”, sem quaisquer restrições quanto aos seus direitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais de depoimento de caráter histórico e documental que prestei ao entrevistador José Carlos Monteiro Lopes, para a pesquisa acima, sob sua responsabilidade, da UESPI, campus de Parnaíba em 21/02/2016, num total de 8min16seg minutos/horas gravados.

O aluno José Carlos Monteiro Lopes, através da monografia “*Lugares sobrepostos na memória de Camocim-CE: de cemitério a rodoviária*”, fica conseqüentemente autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, o mencionado depoimento, no todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir o acesso ao mesmo para fins idênticos, segundo suas normas, com a única ressalva de sua integridade e indicação de fonte e autor.

Camocim, 21 de FEVEREIRO de 2016.



Assinatura do depoente/cedente

## TERMO DE CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO ORAL

CEDENTE: VERA MARIA AGUIAR TRÉVIA, nacionalidade Brasileira, profissão Aposentada, RG 97.023.032.718, emitida pelo(a) SSP-Ce, CPF 021.103.853-91, domiciliado(a) e residente à Rua Engº Privat, n° 213, CEP 62.400.000, na cidade de Camocim, no Estado do Ceará.

CESSIONÁRIO: José Carlos Monteiro Lopes, residente e domiciliado à Rua Dr. João Thomé, nº 820, bairro Centro, CEP 62400-000, na cidade de Camocim, no Estado do Ceará.

OBJETO: Entrevista gravada exclusivamente para elaboração da monografia a ser apresentada na Universidade Estadual do Piauí – UESPI/ Campus de Parnaíba, sob a orientação da Profª Drª Mary Angélica Costa Tourinho, sob o título “*Lugares sobrepostos na memória de Camocim-CE: de cemitério a rodoviária*”.

DO USO: Declaro ceder à pesquisa referente a monografia “*Lugares sobrepostos na memória de Camocim-CE: de cemitério a rodoviária*”, sem quaisquer restrições quanto aos seus direitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais de depoimento de caráter histórico e documental que prestei ao entrevistador José Carlos Monteiro Lopes, para a pesquisa acima, sob sua responsabilidade, da UESPI, campus de Parnaíba em 08/03 / 2016, num total de 06 min minutos/horas gravados.

O aluno José Carlos Monteiro Lopes, através da monografia “*Lugares sobrepostos na memória de Camocim-CE: de cemitério a rodoviária*”, fica conseqüentemente autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, o mencionado depoimento, no todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir o acesso ao mesmo para fins idênticos, segundo suas normas, com a única ressalva de sua integridade e indicação de fonte e autor.

Camocim, 08 de MARÇO de 2016.

Vera M<sup>te</sup> Aguiar Trévia  
Assinatura do depoente/cedente